

DC

DANTECultural

Publicação do
Colégio Dante Alighieri

Ano XVII - Número 46 - Novembro de 2021
ISSN 1980-637X



CARTA AO LEITOR

Traduzione della lettera al lettore a pagina 71

2021 era para ser um ano de muitos festejos presenciais em nosso Colégio. Afinal, os 700 anos da morte de nosso patrono e os 110 de fundação da instituição mereciam ser celebrados em grande estilo. A pandemia nos obrigou a adaptar também essas comemorações, o que, em princípio, nos deixou frustrados. Mas, logo que começamos a elaborar alternativas e criar possibilidades que marcassem este ano especial para toda a comunidade dantiana, restabelecemos os ânimos: a grandeza do legado de Dante Alighieri e a história centenária de nossa escola garantiram inspiração para uma série de **iniciativas culturais** criadas pelo Marketing do Colégio e executadas em parceria com outros departamentos e profissionais externos, contando com o apoio e a participação de colaboradores, professores, alunos, mães e pais e, claro, da nossa diretoria executiva. Conheça cada uma delas na reportagem da página 8.

Esta edição, aliás, também celebra essa efeméride dupla. E está dividida em dois blocos: o 110, a que pertence a matéria mencionada acima e outras relacionadas especificamente ao nosso Colégio, e o 700, que traz conteúdos referentes ao legado cultural de Dante Alighieri.

Ainda no bloco 110, contamos a história da **AEDA**, associação de ex-alunos sediada na casa da esquina da alameda Jaú com a rua Peixoto Gomide, que promove eventos e oferece cursos não somente para quem estudou no Dante mas também para qualquer pessoa interessada na cultura italiana, já que a missão da associação é exaltá-la e difundi-la.

Também contamos, nessa mesma parte da revista, a história da **diretoria executiva** do Dante, lembrando o importante papel que cada gestão administrativa da instituição teve, de sua fundação — pelas mãos do conde Rodolfo Crespi na companhia de outros nomes influentes da colônia italiana em São Paulo — até os dias de hoje, com a liderança do dr. José Luiz Farina, atual presidente.

Duas reportagens fotográficas completam a seção 110: uma sobre objetos marcantes de nossa história, mantidos pelo nosso **Centro de Memória**, e outra sobre nosso espaço físico, com os **lugares favoritos** de alunos, mães, professores e colaboradores.

No bloco 700, começamos com uma pergunta que muitos de nós nos fazemos: **como ler A Divina Comédia?** A professora Maria Cecilia Casini, especialista na obra de Dante, traz dicas para quem deseja embarcar nessa jornada literária. Também há um artigo sobre a **pesquisa** acadêmica realizada atualmente no Brasil sobre a obra do poeta, reforçando a ideia de que a sua riqueza é inesgotável e ainda suscita muitas reflexões. E há outro em que se explicita o pioneirismo de Dante Alighieri em uma literatura com componentes autobiográficos, como em *Vita Nuova*, livro anterior à *Divina Comédia*, conectando esse aspecto à **autoficção** praticada na literatura contemporânea, que tem atraído muitos leitores.

Por fim, abrimos a seção **Espaço Aberto** para mais colaboradores do que o usual, reunindo textos literários e colagens inspirados pela *Divina Comédia*. Esperamos que vocês tenham, a cada página, o prazer que tivemos em produzir este número especial.

Boa leitura!

FERNANDO HOMEM DE MONTES

PUBLISHER

DC

DANTECultural
(ISSN 1980-637X)



É UMA PUBLICAÇÃO DO
COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
ALAMEDA JAÚ, 1061 SÃO PAULO-SP
FONE: (11) 3179-4400
WWW.COLEGIODANTE.COM.BR

DIRETORIA EXECUTIVA:

JOSÉ LUIZ FARINA
PRESIDENTE

MÁRIO EDUARDO BARRA
VICE-PRESIDENTE

FRANCISCO PARENTE JÚNIOR
DIRETOR-SECRETÁRIO

PAULO FRANCISCO SAVOLDI
2º DIRETOR-SECRETÁRIO

JOÃO RANIERI NETO
DIRETOR FINANCEIRO

MILENA MONTINI
2ª DIRETORA FINANCEIRA

FLAVIA GOMES RIBEIRO PIOVACARI
DIRETORA ADJUNTA

SALVADOR PASTORE NETO
DIRETOR ADJUNTO

SILVIO MARIA CRESPI
DIRETOR ADJUNTO

DIRETORIA EDUCACIONAL:

VALDENICE MINATEL MELO DE CERQUEIRA
DIRETORA-GERAL EDUCACIONAL

ANGELA DE CILLO MARTINS
DIRETORA PEDAGÓGICA

SANDRA MARIA RUDELLA TONIDANDEL
DIRETORA PEDAGÓGICA

ENSINO FUNDAMENTAL 2 E ENSINO MÉDIO

ELENICE MARIA BONIOLO ZIZIOTTI
DIRETORA DE RELAÇÕES HUMANAS E CONVIVÊNCIA

PUBLISHER: FERNANDO HOMEM DE MONTES

EDITORIA: MARCELLA CHARTIER
(JORNALISTA RESPONSÁVEL - MTB: 50.858)

DIREÇÃO DE ARTE: ADRIANO DE LUCA

REVISÃO: CAMILLA DE REZENDE

PROJETO GRÁFICO: GRAPPA MARKETING EDITORIAL

DIAGRAMAÇÃO E ARTE: GRAZIELI BARRETO CUNHA

VERSÃO EM ITALIANO: MAYARA NETO

REVISÃO DO ITALIANO: LUCIANA DUARTE BARALDI

COLABORADORES:

ANA JÚLIA DE PAIVA GENNARI, ARTHUR FUJII, AUDREY TIGRE,
CAROLINA FERREIRA, DEISIANE BARBOSA, ELENA WESLEY, ESTELA ROSA,
GUILHERME CONTE, JOÃO MONTENEGRO, KARIN HUECK, LUCIA FIORA,
LUIZA ALCANTARA E SILVA, LUIZA DESTRI, PÂMELA CARBONARI.

ENVIE SUAS SUGESTÕES E CRÍTICAS PARA
DANTECULTURAL@CDA.COLEGIODANTE.COM.BR

TIRAGEM: 8.500 EXEMPLARES - COLÉGIO DANTE ALIGHIERI -
ALAMEDA JAÚ, 1061. SÃO PAULO-SP - FONE: (11) 3179-4400
WWW.COLEGIODANTE.COM.BR

CAPA: JOÃO MONTENEGRO

AS DECLARAÇÕES DE NOSSOS ENTREVISTADOS NÃO REFLETEM,
NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DO COLÉGIO.



ecce
educazione di eccellenza

Venha conhecer nosso curso extracurricular e bicurricular italiano!

Criado pelo Colégio Dante Alighieri, o **ECCE** oferece, além do diploma brasileiro, um programa dividido em três módulos – Uno, Due e Tre (Liceo) – com professores especializados e atenção à **formação humanística europeia**, constituindo-se em uma importante preparação para o **Esame di Maturità**, **aceito em universidades de toda a Comunidade Europeia**. Conheça em detalhes o conteúdo do ECCE e informe-se sobre as exigências de matrícula para cada um dos módulos.



dante.pro/cdaecce

ecce@colegiodante.com.br



DANTECultural

Ano XVII - Número 46 - Novembro de 2021

INICIATIVAS CULTURAIS

Grafite, roda de samba, história em quadrinhos e outras iniciativas do Colégio para celebrar os 110 anos da instituição 08

INIZIATIVE CULTURALI
Graffiti, roda de samba, fumetti e altre iniziative della Scuola per celebrare i 110 anni dell'istituzione 08



MEU LUGAR FAVORITO

Professores, colaboradores, pais e alunos escolhem seu lugar preferido no Dante 16

IL MIO POSTO PREFERITO
Insegnanti, dipendenti, genitori e studenti scelgono il loro posto preferito nella Dante 16

COMO LER A DIVINA COMÉDIA?

A professora Maria Cecília Casini, especialista na obra de Dante Alighieri, dá dicas para quem quer embarcar na leitura da *Divina Comédia* 44

COME LEGGERE LA DIVINA COMMEDIA?
La professoressa Maria Cecilia Casini, specialista di Dante Alighieri, offre suggerimenti a chi vuole intraprendere la lettura della Divina Commedia 44



110 anos de Colégio Dante Alighieri 06

110 anni della Scuola Dante Alighieri 06

700 anos da morte do poeta italiano Dante Alighieri 42

700 anni della morte del poeta italiano Dante Alighieri 42

Iniciativas culturais/08
Iniziative culturali/08

Meu lugar favorito/16
Il mio posto preferito/16

Diretoria Executiva/22
Direzione Esecutiva/22

Centro de Memória/28
Centro della Memoria/28

AEDA/34
AEDA/34

Como ler A Divina Comédia?/44
Come leggere la Divina Commedia?/44

Quem pesquisa Dante?/48
Chi studia Dante?/48

Autoficção/54
Autofinzione/54

Espaço Aberto/60
Spazio Aperto/60

110

O Dante, que completa 110 anos, foi fundado em 1911 por Rodolfo Crespi e outros eminentes representantes da comunidade italiana em São Paulo

La Dante, che compie 110 anni, è stata fondata nel 1911 da Rodolfo Crespi e da altri eminenti rappresentanti della comunità italiana di San Paolo

Iniciativas culturais/08
Meu lugar favorito/16
Diretoria Executiva/22
Centro de Memória/28
AEDA/34

*Iniziative culturali/08
Il mio posto preferito/16
Direzione Esecutiva/22
Centro della Memoria/28
AEDA/34*



Departamento de Atividades CDA

UM ANO A SER CELEBRADO

Tradição e contemporaneidade se encontram nas comemorações do 110/700

Por Elena Wesley

UN ANNO DA CELEBRARE

Tradizione e contemporaneità si incontrano nelle celebrazioni del 110/700

Traduzione dell'articolo a pagina 72

Seus olhos acompanham tudo o que acontece nos corredores. Ele conhece do funcionário mais antigo ao estudante recém-matriculado. Presente no cotidiano da escola em estátuas e pinturas, Dante Alighieri está longe de ser apenas um pensador antigo homenageado em paredes. No ano em que se completam 700 anos de sua morte, o legado do patrono de nosso Colégio permanece atual.

Quando um grupo de pessoas buscou, há 110 anos, reunir assinaturas para erguer estas estruturas, já se sabia que Dante Alighieri seria uma inspiração capaz de ultrapassar gerações. No século XIV, o escritor, filósofo e político já reivindicava o reconhecimento da língua falada pelo povo, tão diferente daquela presente nos livros que a população comum não conseguia acessar. Em 2021, pautas como o acesso universal à leitura e a redução das desigualdades sociais ainda são preciosas.

Por isso, na dobradinha 110/700, a inspiração na contemporaneidade de Dante, um homem à frente de seu tempo, vem para estimular ainda

mais gerações a beberem dessa fonte. Ao longo de todo o ano, novas linguagens vêm contando essa história de questionamento das injustiças e valorização de nossas raízes.

O enredo das celebrações de aniversário da escola e dos 700 anos de morte do nosso patrono vem sendo desenvolvido dentro e fora da sala de aula. Além das atividades pedagógicas realizadas com as turmas, o Departamento de Marketing organizou iniciativas culturais que aliam tradição à modernidade. E um projeto artístico iniciado em 2011, quando se completou o centenário da escola, por meio da Diretoria Executiva, ganhou nova etapa.

“Já pensávamos nas comemorações dos 110 anos do Colégio há algum tempo, e nossa programação previa, é claro, vários eventos com presença de público. A primeira sensação que veio quando percebemos que isso não seria possível foi a de decepção, pois festejar com alegria e muita gente faz parte da nossa italianidade”, conta Fernando Homem de Montes, gerente de Marketing e de Relações Institucionais. “Mas



O painel da área externa fica na esquina das alamedas Itu e Casa Branca — esse foi produzido no ateliê da artista e instalado posteriormente

Il pannello dell'area esterna si trova all'angolo tra le vie Peixoto Gomide e Casa Branca — l'ultimo è stato prodotto nello studio dell'artista e installato posteriormente

“O painel fica numa parede na qual passam muitos fios, não daria para usar escada. Então, eu o produzi no ateliê para instalá-lo depois. Não costumo retratar homens, mas o Dante é um grande mestre”
Clara Leff, sobre o trabalho realizado na área externa do Colégio

“Il pannello si trova su un muro dove passano molti cavi, non sarei riuscita a usare una scala. Così l'ho prodotto in studio per installarlo dopo. Di solito non ritraggo uomini, ma Dante è un grande maestro”
Clara Leff

acredito que chegamos a ideias bem interessantes para celebrar com segurança. Foi um trabalho de equipe, que reuniu não apenas o pessoal do Marketing mas também de outros setores da escola. E essa união, em busca de soluções, foi muito prazerosa”, completa.

“Pensamos em artistas que pudessem trazer algo de rico e de diferente, de forma a quebrar o estereótipo de que aquilo que é tradicional é velho ou já ficou para trás. O Dante conserva valores tradicionais, mas é pioneiro em tecnologia e está antenado ao que está acontecendo na sociedade. Essas atividades traduzem isso”, conta o organizador Adriano De Luca, supervisor do Departamento de Marketing.

Mais do que combinar o velho e o novo, a programação ultrapassa os muros da escola. Apesar do desafio de adaptar os eventos para o ambiente virtual ou seguro quanto ao coronavírus, as atividades não se limitam à comunidade escolar, mas se propõem a impactar quem também não está ligado ao Dante.

“Nós nos articulamos para chegar a grupos em situação de vulnerabilidade social, para que o legado tanto do poeta como da instituição educacional seja acessível às pessoas. O grande legado do Dante para a cultura, a filosofia e a civilização tem a ver com isso”, destaca Adriano.

As iniciativas conectam os recursos de nossa era aos ensinamentos do passado, gerando provocações e reflexões para que o patrono esculpido e ilustrado nos pátios e corredores do Dante possa observar tempos melhores em um futuro próximo.

Legado de Dante em spray e cores

Quem frequenta a Vila Mariana já deve ter se deparado com o grafite de uma menina com o dedo no nariz. O autorretrato irreverente é criação de Clara Leff, artista de 24 anos que costuma representar mulheres em suas criações. Há cinco anos na arte, Clara tem outros painéis pela capital, em Portugal e nos Estados Unidos e, agora, também deixa sua marca no Colégio Dante Alighieri em dois ambientes: no pátio interno e na área externa.

“Minhas mulheres têm sempre tom de pele turquesa, são quase como fadas, sereias e demais representações de figuras mitológicas. Acredito que dentro de todas as mulheres exista mesmo essa energia das deusas, então busco representá-las em contato com a natureza. Isso diz muito sobre o meu trabalho, que é, na verdade, um grande caminho de autoconhecimento, sou eu mesma tentando encontrar a minha energia”, explica Clara.

A primeira intervenção foi realizada em agosto. Durante cinco dias, Clara dedicou cinco horas para retratar o legado do poeta e escritor com a linguagem característica de seu trabalho: figuras femininas que seguram fontes de luz.

“No pátio queriam um painel que representasse a tecnologia, a escola e o aprendizado, então

tive a ideia de fazer a luz saindo de dentro de um livro. Achei melhor do que fazer uma coisa muito óbvia, ficou um pouco mais místico. Foi muito prazeroso para mim ter uma troca com os alunos, que ficaram todos curiosos”, conta.

A etapa seguinte consistiu em representar o próprio Dante na área externa. Os dois painéis foram feitos em spray, técnica mais utilizada por Clara, porém, a última produção aconteceu no ateliê da artista para que, depois, o painel pudesse ser instalado no Colégio, em setembro.

“O painel fica numa parede na qual passam muitos fios, não daria para usar escada. Então, eu o produzi no ateliê para instalá-lo depois. Não costumo retratar homens, mas o Dante é um grande mestre. É um retrato dele segurando uma luz.”

Clara Leff tem painéis em São Paulo, em Portugal e nos Estados Unidos. Na foto, o grafite feito no pátio interno do Dante

Clara Leff ha dipinto pannelli nella città di San Paolo, in Portogallo e negli Stati Uniti. Nella foto, i graffiti realizzati nel cortile interno della Dante

Arthur Fujii



Dante acessível para todos

Reafirmar a importância de Dante Alighieri para a cultura italiana e ocidental faz parte do nosso cotidiano. Contudo, nas celebrações do 110/700, a contribuição do autor foi expandida para além do Jardim Paulista. Pelo projeto Olhos Coloridos, a professora Eliane Almeida realizará um intercâmbio entre alunos do Dante e jovens atendidos pela Fundação Julita, instituição que promove ações socioeducativas para apoiar crianças, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade social.

A iniciativa tem o objetivo de fazer da escrita um processo prazeroso e criativo. Ela começa na reflexão sobre a realidade da pessoa e deságua na ilustração com fotos produzidas com aparelho celular. A ideia é produzir um livro que relate o processo com esses textos e imagens, composto a partir das experiências de escrita e literatura de cada grupo de participantes.

Jornalista e doutoranda em mudança social e participação política pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), Eliane aguardava uma oportunidade de tirar o projeto do papel e agora celebra a experiência de reforçar com crianças e adolescentes o quão divertido pode ser o processo de escrever, sobretudo tendo o escritor italiano como referência.

“A vida de Dante Alighieri entra como inspiração de posicionamento dos alunos no processo. Lendo a biografia de Dante percebemos que ele era uma pessoa que observava seu mundo e escrevia sobre ele. Mesmo impossibilitado de viver plenamente seu amor, ele escreve sobre isso. É uma personalidade a ser seguida”, analisa Eliane.

A oficina terá encontros presenciais no Dante e na Fundação, para que todos os participantes vivenciem a experiência em ambos os ambientes.

Samba dantiano

Quando escreveu *A Divina Comédia* em dialeto toscano, Dante Alighieri deixou explícito seu recado: era preciso reconhecer a relevância da linguagem que estava na boca do povo. Seis séculos depois, Adoniran Barbosa trilhou ca-



A roda de samba dantiana teve a participação de colaboradores de diversos departamentos

La roda de samba dantiana ha avuto la partecipazione di dipendenti di vari reparti

Reprodução

minho semelhante. O compositor retratou em suas canções situações do cotidiano popular e o vocabulário da gente simples que o rodeava, como ouvimos em “Saudosa Maloca” e “Samba do Arnesto”, ambas da década de 1950.

O cantor seguiu a mesma regra ao produzir “Samba Italiano” em 1963, adicionando, porém, suas raízes italianas. No gênero pelo qual sempre foi apaixonado, o filho dos imigrantes Francesco Ferdinando e Emma Rubinato mesclou português e italiano e ressaltou, de forma irreverente, a diversidade cultural que ajudou a construir a São Paulo onde cresceu.

Tendo esse histórico como base, o Departamento de Música do Colégio montou uma roda de samba para celebrar o aniversário de 110 anos da escola e o septingentésimo aniversário

de morte do escritor e poeta Dante Alighieri. A equipe elaborou o arranjo e as partituras com as cifras, os acordes e a melodia para os instrumentistas. Entre os integrantes, estão colaboradores de diversos departamentos do Colégio. O auxiliar de disciplina Eder Silva foi um deles. Músico desde a adolescência, Eder domina bateria, violão, guitarra e contrabaixo e contribuiu na *performance* com este último.

“Eu toco todo fim de semana na igreja, mas foi uma honra participar desse evento. Marcou não só a mim, mas a todo o grupo. É um privilégio ver tanta gente gostando de como ficou”, comemora Eder, que trabalha há quase quatro anos no Colégio.

Para alcançar os elogios do público, músicos e cantores estudaram o arranjo de casa, antes

de se reunirem no auditório. As gravações começaram pelos instrumentos, com a captação de um por vez e depois de todos juntos, com o devido distanciamento, a fim de evitar riscos de contaminação pelo coronavírus. Depois, foi a vez das vozes masculina e feminina, também separadas e juntas, para que as gravações tivessem qualidade semelhante à de estúdio para as etapas de edição e mixagem.

“Durante as gravações percebemos o quanto a música une, alegre, qual é o papel da música dentro da comunidade. Cada um pôde compartilhar suas ideias e acrescentar ao arranjo. E o vídeo foi a cereja do bolo, né?”, lembra a coordenadora do Departamento de Música, Gabriela Vasconcelos. O vídeo ao qual ela se refere está disponível no canal do Dante no Youtube.

Assista ao vídeo!
Guarda il video!



OU ACESSE / O ACCEDI SU:
dante.pro/sambaitaliano

O alto paraíso nas paredes do Dante

Deixar sua marca nas paredes do Dante era um sonho antigo. Na década de 1970, elas faziam parte de sua rotina como aluno do Colégio. A realização veio em 2011, quando Claudio Canato produziu seu primeiro mural, a pedido da Diretoria Executiva, pelas comemorações do centenário da escola. A produção seguiu nos anos seguintes com mais dois murais, até que agora, para as celebrações do 110/700, o pintor retorna para seu *gran finale*: o quarto mural baseado em *A Divina Comédia*.

Embora atue com direção de arte e ilustração há quase 40 anos, Canato não deixa de se emocionar com a oportunidade de mais uma vez pintar no local onde seu sonho de ser artista foi estimulado. “Volto depois de seis anos ao local que fica em frente ao primeiro mural de *A Divina Comédia*”, lembra.

Localizados na entrada principal do prédio e com 32 metros quadrados, os dois primeiros murais retratam o Inferno e o Purgatório. A primeira parte foi produzida entre 2010 e 2011, e a segunda no ano seguinte. Em 2014 e em 2015, Claudio se dedicou a um terceiro mural, no qual representou o Paraíso. Com a conclusão do quarto mural ainda este ano, o Dante terá uma das maiores pinturas do mundo sobre o clássico italiano, com quase 100 metros quadrados.

Para finalizar a obra, Canato optou por ilustrar a última viagem de Dante, quando o personagem ascende ao ponto mais alto do céu, o Empíreo, que dará nome à obra. E, se a missão é retratar o divino, o artista aposta em técnicas quase sagradas. É a partir da proporção áurea, também conhecida como número de Deus, que Canato une diversos retângulos áureos em uma espiral. “Usei a espiral áurea como o caminho que leva a Deus”, acrescenta.



O quarto mural de Claudio Canato no Colégio ilustra a última viagem de Dante em A Divina Comédia, quando o personagem ascende ao ponto mais alto do céu, o Empíreo

Il quarto murales di Claudio Canato alla Scuola illustra l'ultimo viaggio di Dante nella Divina Commedia, quando il personaggio ascende al punto più alto del cielo, l'Empireo

Arthur Fujii



110 anos de Colégio Dante Alighieri

700 anos da morte do nosso patrono

Em 2021, o Colégio Dante Alighieri vive duas importantes efemérides em sua história: 110 anos de escola, celebrados em 9 de julho, e 700 anos da morte de seu patrono.

Saiba mais sobre a nossa proposta de ensino e aprendizagem, conheça o legado do poeta italiano Dante Alighieri e acompanhe as ações culturais que estão sendo realizadas para este ano tão especial.

Educação Infantil ao Ensino Médio

Extracurricular e Bicurricular Italiano

Elementary, Middle e High School

Eletivas e cursos extracurriculares



(11) 3179-4400

www.colegiodante.com.br



UM ESPAÇO ESPECIAL

Quem estuda, já estudou ou trabalha no Dante costuma ter uma relação afetiva com nosso espaço físico. E o período de isolamento social deixou muita gente com saudades do Colégio. O retorno às atividades presenciais diariamente em agosto de 2021 animou alunos, mães, professores e funcionários. Para registrar essa alegria e celebrar os 110 anos da instituição, perguntamos a pessoas da comunidade dantiana quais são os seus lugares preferidos no Colégio.

Por Marcella Chartier Fotos: Arthur Fujii

UN POSTO SPECIALE

Chi studia, ha studiato o lavora alla Dante di solito ha un rapporto affettivo con il nostro spazio fisico. E il periodo di isolamento sociale ha suscitato in molte persone la nostalgia della Scuola. Il ritorno alle attività quotidiane presenziali nell'agosto 2021 ha rianimato studenti, madri, insegnanti e dipendenti. Per registrare questa gioia e celebrare i 110 anni dell'istituzione, abbiamo chiesto alle persone della comunità dantiana quali fossero i loro posti preferiti nella Scuola.

Traduzione dell'articolo a pagina 74

PROF^a. MÁRCIA NOGUEIRA

Assistente da diretoria - 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental

“Eu acho que o corredor simboliza a entrada das pessoas nesta escola, que eu considero muito especial. Este corredor, para mim, é uma coisa histórica, com essas janelas grandes, este piso centenário, estes lustres lindos e a pintura de cenas da *Divina Comédia*, obra de nosso patrono, pelas paredes. Voltar ao Dante depois do período mais restrito de isolamento social foi uma emoção incrível.”





ANDREA FORTE

Mãe de aluno e ex-aluna

“Eu escolhi aqui porque foi o lugar em que eu estudei no meu último ano, em 1991, terceiro colegial - neste ano completo 30 anos de formada. E também estudei aqui no primário e tive uma professora muito legal.

Meu filho é a quarta geração da minha família a estudar aqui. O Dante é uma extensão da nossa casa, eu tenho um carinho muito grande por esta escola.”



ANNA LUZZATI

Aluna do 2º ano do Ensino Fundamental

“Gosto da sala de aula porque tem um monte de brinquedos, livros que não tem na minha casa, um monte de plaquinhas com as letras pra gente aprender o alfabeto, e porque a professora não mostra assim no livro (como no ensino on-line), ela mostra lá naquela lousona.”

ARTHUR FUJII

Videomaker, funcionário do Departamento de Marketing

“O FabDante é um lugar com que eu me sinto muito familiarizado porque, apesar de eu não ter formação em eletrônica, nem mecânica ou em nenhuma área voltada pras ciências, eu gosto muito de fuçar – desde pequeno eu desmontava coisas para ver como eram dentro. Então ver fios, ferramentas e coisas que podem ser usadas para construir algo me faz achar este lugar muito legal.”



Crazieli Cunha

GIULIA LUZZATI

Aluna do 4º ano do Ensino Fundamental

“É meu lugar favorito porque ele é muito legal, dá para brincar, se divertir com os amigos... Eu me lembro de vir aqui, trazer brinquedos e fantasias.”



PROF^a. MARÍLIA NEGRINI

Coordenadora do Departamento de Inglês

“Eu escolhi a sala de aula como meu lugar favorito porque é onde eu passei a maior parte do tempo, onde estive todos os dias neste período que trabalho aqui: este é meu trigésimo ano de Dante. Foi em sala de aula que tive a oportunidade de conviver e interagir com muitos alunos, um prazer muito grande, e para mim essa é a essência do trabalho do professor.”

MARIA REGINA TORRE

Secretária da presidência

“Eu gosto muito da entrada principal deste colégio e especialmente deste jardim encantador. Vejo da janela da minha sala os pássaros, as flores, o clima... Já são 46 anos trabalhando no Dante, 35 olhando para este jardim.”



Foto realizada em área externa, sem acesso de outras pessoas.

MIRELLA ZANOTTA

Aluna do 7º ano do Ensino Fundamental

“Desde pequenininha eu sempre venho aqui, tenho um amor muito grande por animais e sempre gostei de saber mais sobre os seres vivos e expandir conhecimentos sobre o nosso mundo. Quando voltamos ao presencial, vim aqui com meus amigos e fiquei muito feliz por poder estar no museu novamente, foi uma visita especial.”



DE CRESPI A FARINA

Ao longo de seus 110 anos, passaram pela Diretoria Executiva do Dante dedicados representantes da comunidade italiana em São Paulo – com funções administrativas sendo repassadas por gerações nas famílias

Por Lucia Fiora

DA CRESPI A FARINA

Nel corso dei suoi 110 anni, rappresentanti devoti della comunità italiana di San Paolo sono passati dalla Direzione Esecutiva della Dante, con funzioni amministrative trasmesse in famiglie per generazioni.

Traduzione dell'articolo a pagina 75

Primeiro presidente da antiga sociedade que fundou o “Istituto Medio Ítalo Brasileiro Dante Alighieri”, em julho de 1911, o conde Rodolfo Crespi era conhecido por ser um homem prático, “que não deixava para amanhã o que podia fazer de imediato”. Quem destaca esse traço marcante da personalidade do conde é seu neto, Silvio Crespi, diretor adjunto do Colégio. Embora não tenha conhecido o avô, Crespi sempre ouviu com muita atenção as histórias sobre esse que foi um dos grandes empresários paulistas do início do século XX, especialmente aquelas relacionadas ao seu apego à Itália e à cultura italiana. Ele ressalta que, assim que ouviu do funcionário do Ministério da Educação da Itália Arturo Magnocavallo sobre o interesse do governo italiano em criar, em São Paulo, uma escola para os filhos dos imigrantes, Rodolfo Crespi não mediu esforços para fazer a ideia acontecer. “Meu avô conseguiu juntar um grupo de doadores para financiar o projeto e, depois, acompanhou pessoalmente a compra do

terreno e a construção do prédio da escola.” Após sua inauguração, o conde dirigiu o Colégio até pouco antes de falecer, em 1938, sendo nomeado, após sua morte, Presidente Honorário Perpétuo do Conselho de Administração.

Fazendo uma retrospectiva da trajetória de 110 anos do Colégio, cujo pontapé inicial foi dado por Crespi e por outros eminentes representantes da comunidade italiana em São Paulo – entre os quais as famílias Puglisi, Carbone e Matarazzo –, o atual presidente, José Luiz Farina, que dirige o Dante desde 2014, ressalta que o respeito às antigas tradições e o perfil humanista – marcas registradas que fizeram do Dante Alighieri um ícone da educação em São Paulo – têm convivido harmonicamente com outras características essenciais que tornaram o Colégio uma instituição sempre à frente de seu tempo. “Uma delas foi o fato de ser pioneiro em aceitar meninas, que conviviam com os garotos em classes mistas. Apenas o internato era restrito aos alunos do sexo masculino”, destaca Farina.

“Como vice do dr. Messina, eu me orgulho de ter iniciado a High School e, depois, já na minha gestão, ter aperfeiçoado o currículo italiano, de forma a iniciar o processo para obter do governo italiano a parità”, afirma o atual presidente do Colégio, dr. José Luiz Farina

“Come vicepresidente del dott. Messina, sono orgoglioso di aver iniziato la High School e, successivamente, già nella mia gestione, di aver perfezionato il curriculum italiano, in modo da iniziare il processo necessario per ottenere la parità dal governo italiano”, sottolinea Farina.



O Dante abriu as portas em 1911, quando ainda existia somente o edifício Leonardo da Vinci. Entre 1954 e 1985, foram construídos o Ruy Barbosa, o Galileu Galilei e o Victório Américo Fontana. O edifício Michelangelo, por fim, foi erguido no início da década de 1990

La Dante ha aperto i battenti nel 1911, quando esisteva solo l'edifício Leonardo Da Vinci. Tra il 1954 e il 1985 sono stati costruiti il Ruy Barbosa, il Galileo Galilei e il Victório Américo Fontana. L'edifício Michelangelo è stato finalmente costruito all'inizio degli anni '90

Segunda Guerra

Após a morte de Crespi e um período de três anos em que o Colégio foi administrado por um conselho formado por nove membros, Fábio da Silva Prado assumiu a direção da escola em 1942, com o ônus de conduzir o Dante a uma profunda transformação imposta pela guerra. O Colégio foi obrigado a suprimir o estudo de italiano e até a mudar de nome, passando a ser denominado Visconde de São Leopoldo, sanções que vigoraram até 1946. Após esse período, coube aos presidentes Miro Noschese e Ziro Ramenzoni a tarefa de restabelecer o vínculo da escola com a Itália.

Nos anos de 1954 a 1985, o Dante esteve sob a direção de Francisco Parente. Foi a mais longa gestão à frente do Conselho nestes 110 anos. “Meu pai tinha enorme orgulho de fazer parte do Colégio e levava o nome do Dante por onde passava”, conta seu filho, Francisco Parente Júnior, Diretor-Secretário da instituição. Sob o comando de Parente, a escola viveu uma grande expansão, com a construção dos edifícios Ruy Barbosa, Galileu Galilei e Victório Américo Fontana. A estrutura física do Colégio continuou a crescer na gestão de Francisco Ranieri, entre 1987 e 1996. “Ele era um visionário e conduziu, entre outras melhorias, a construção do prédio Michelangelo, único do complexo com subsolo para vagas de garagem, e iniciou o investimento em informática”, lembra o filho, João Ranieri, Diretor Financeiro.

Uma das famílias que ajudaram a viabilizar a fundação do Colégio, os Matarazzo também deixaram sua marca na administração: Giannicola e Giannandrea Matarazzo presidiram o Conselho, respectivamente, de 1985 a 1987 e de 1996 a 1999. “Os dois focaram sua gestão em manter o Dante na vanguarda da educação, investindo na qualidade do conteúdo curricular oferecido e em tecnologia”, ressalta o empresário Andrea Matarazzo, neto de Giannicola e filho de Giannandrea. “Meu pai foi quem criou o Museu de História Natural”, lembra ele.

“O Dante não é um sistema de educação, é uma escola. Os alunos, aqui, aprendem a ser cidadãos, e é isso que faz a diferença” dr. José Luiz Farina

“La Dante non è un sistema educativo, è una scuola. Qui gli studenti imparano a essere cittadini, ed è questo che fa la differenza”, sottolinea Farina.

No início dos anos 2000, sob a direção de Guglielmo Falzoni, o Dante passou a oferecer o Curso Maternal (hoje Maternal 2), aproveitando a estrutura e localização do novo edifício Michelangelo, que permitia acesso separado aos pequenos pela alameda Casa Branca. Já seu sucessor, Marco Formicola, que dirigiu o Colégio entre 2003 e 2008, deu sequência à oferta desse ciclo, implantando o que hoje é o Maternal 1. “Meu pai criou o curso com muito carinho. Foi algo do qual ele se orgulhou muito, pois deixou como um legado para as gerações futuras, completando a grade curricular oferecida pelo Dante”, lembra seu filho, o empresário Marco Antonio Formicola. A gestão de seu pai também

é muito lembrada pelos dantianos por ter sido a que lançou a revista Dante Cultural.

Ao Presidente seguinte, José de Oliveira Messina, cuja gestão se estendeu de 2008 a 2014, coube organizar os festejos do centenário do Colégio, que tiveram enorme repercussão. “Além de ser um democrata, que gostava de compartilhar suas decisões, meu pai tinha uma forte cultura humanista”, lembra o empresário José de Lorenzo Messina. “Foi essa visão que o inspirou a dar início às pinturas do artista Claudio Canato retratando *A Divina Comédia* nas paredes do edifício Leonardo da Vinci”, ressalta ele.

Na visão do atual Presidente, José Luiz Farina, o futuro do Colégio passa pelo aprimoramento da formação bicurricular, em inglês e italiano, que permite aos alunos acesso a cursos de graduação em universidades americanas e italianas. “Como vice do dr. Messina, eu me orgulho de ter iniciado a High School e, depois, já na minha gestão, ter aperfeiçoado o currículo italiano, de forma a iniciar o processo para obter do governo italiano a *parità*”, ressalta Farina. Segundo o Presidente, o Colégio deve se aperfeiçoar sempre, mas sem perder a sua principal característica, que é “o profissionalismo com amor”. “O Dante não é um sistema de educação, é uma escola. Os alunos, aqui, aprendem a ser cidadãos, e é isso que faz a diferença”, ressalta Farina.

Editorial da primeira edição da Dante Cultural, escrito por Marco Formicola, presidente do Colégio entre os anos de 2003 e 2008

Editorial da primeira edição da Dante Cultural, escrito por Marco Formicola, presidente do Colégio entre os anos de 2003 e 2008



UMA ESCOLA, vários caminhos

Um mundo de escolhas para a geração que vai mudar o mundo



- Elementary, Middle e High School
- Ecce: Curso Extracurricular e Bicurricular Italiano
- Opções de disciplinas eletivas
- Cursos extracurriculares

Educação Infantil / Ensino Fundamental 1 e 2 / Ensino Médio

www.colegiodante.com.br





PEQUENO MUSEU AFETIVO

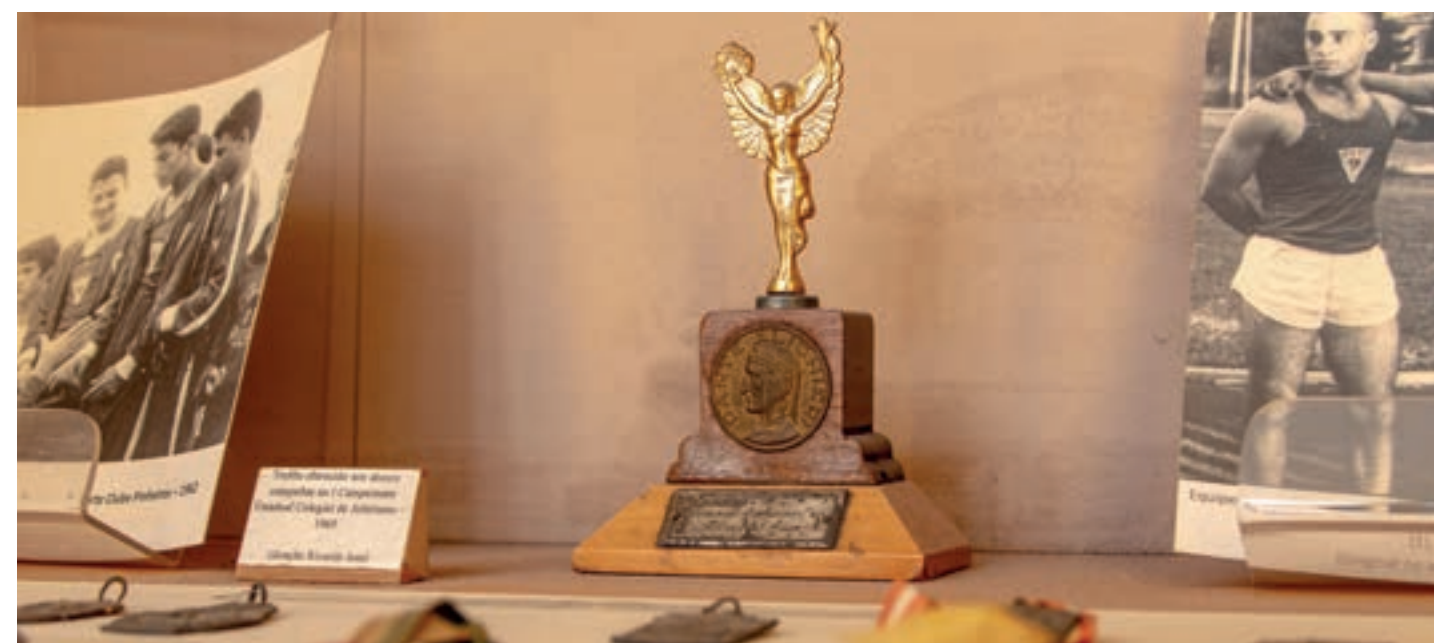
Foi em 2006 que começou, oficialmente, a organização de documentos e materiais históricos do Colégio, consolidada na formação do nosso Centro de Memória. A ideia era que, até 2011, ano do centenário, já existisse um acervo consolidado da história da instituição. Hoje, são mais de 3 mil documentos e 20 mil fotografias, essas últimas protagonistas de uma seção fixa da DC dedicada ao Centro de Memória, com a curadoria do historiador Marcelo Figueiredo de Meneses. Neste número especial, selecionamos objetos icônicos ao longo de 110 anos de Dante.

PICCOLO MUSEO AFFETTIVO

È nel 2006 che inizia ufficialmente l'organizzazione dei documenti e dei materiali storici della Scuola, consolidatasi con la creazione del nostro Centro della Memoria. L'idea era che, entro il 2011, l'anno del centenario, ci fosse già una raccolta consolidata della storia dell'istituzione. Oggi ci sono più di 3.000 documenti e 20.000 fotografie, queste ultime protagoniste di una sezione fissa della DC dedicata al Centro della Memoria, curata dallo storico Marcelo Figueiredo de Meneses. In questo numero speciale, abbiamo selezionato gli oggetti iconici dei 110 anni della Dante.



1 - Máquina de escrever utilizada entre as décadas de 1960 e 1990. Macchina da scrivere usata tra gli anni '60 e '90.
2 - O sino, um dos mais importantes ícones de nossa história, e um globo terrestre utilizado em aulas nos anos 1970. La campana, una delle icone più importanti della nostra storia, e il globo terrestre utilizzato nelle lezioni negli anni '70.



3 - Um dos exemplares históricos de A Divina Comédia expostos na Biblioteca Central. Una delle copie storiche della Divina Commedia esposte nella Biblioteca Centrale.
 4 - Conjunto para experiência ótica. Set per esperienze ottiche.
 5 - Medalhas de competições esportivas da década de 1950. Medaglie delle competizioni sportive degli anni '50.



6 - Uniforme usado do final dos anos 1960 até os anos 1970. Uniforme indossata dalla fine degli anni '60 fino agli anni '70.
7 - Termômetros e equipamentos diversos utilizados em laboratório. Termometri e attrezzature varie utilizzate in laboratorio.
8 - Balança analítica. Bilancia analitica.



*Você tem imagens históricas do Dante? Entre em contato com o nosso Centro de Memória, que já reuniu 20 mil fotos de mais de um século de história dantiana. Escreva para o Marcelo: marcelo.meneses@cda.colegiodante.com.br ou ligue para o Centro de Memória: (11) 3179-4400 ramal 4281.



A casa fica na esquina da Alameda Jaú e da rua Peixoto Gomide desde meados dos anos 1990

La casa si trova all'angolo tra Alameda Jaú e Rua Peixoto Gomide sin dalla metà degli anni '90

DO DANTE ALIGHIERI SAIRÃO

A AEDA, associação vizinha ao Colégio que promove cursos e eventos, tem como papel principal cultivar e propagar a cultura italiana

Por Luisa Alcantara e Silva

DALLA DANTE ALIGHIERI USCIRANNO

Gli ex allievi frequentano corsi ed eventi presso l'AEDA, associazione vicina alla Scuola il cui ruolo principale è quello di coltivare e diffondere la cultura italiana

Traduzione dell'articolo a pagina 77

Arquivo/AEDA



“Batalho muito para que haja mais proximidade entre a AEDA e os estudantes, para que o Colégio seja a porta de entrada deles para a AEDA”, afirma Alfio Paglia, presidente da associação

“Lavoro duramente per avvicinare l’AEDA agli studenti, in modo che la Scuola sia la loro porta d’accesso all’AEDA”, dice Alfio Paglia, presidente dell’associazione

“Manter acesos os princípios e as tradições do Colégio Dante Alighieri.” Assim o estatuto da AEDA (Associação dos Ex-alunos do Colégio Dante Alighieri) define o objetivo da instituição. Por “manter aceso” o documento é bem claro ao explicar como: incentivando, por meio de “manifestações sociais, esportivas e culturais, a par do aprimoramento do idioma pátrio e difusão da língua e cultura italianas, o relacionamento entre seus associados”.

Essa é uma missão que a associação vem cumprindo desde agosto de 1930, época de sua fundação. Com cinco funcionários, dez diretores e cerca de 150 sócios contribuintes, a AEDA é um dos principais centros difusores da cultura italiana no Brasil. Não é necessário ser ex-aluno do Dante para participar de boa parte das atividades da associação. Em sua sede, em

uma esquina em frente ao Colégio, além de cursos das línguas italiana e inglesa, são oferecidos cursos de música, em áreas variadas como piano, violão, guitarra e canto, e de xadrez, aquarela, redação e gastronomia, entre outros. Atualmente, apenas frequentando os cursos livres e de idiomas há aproximadamente 350 alunos (entre associados e não associados).

Mas não são apenas cursos. Para cumprir seu papel, a AEDA também organiza eventos, sempre com o objetivo de aproximar os ex-alunos. Por isso, o médico Paglia, de 62 anos, que preside a associação, tem trabalhado para que os atuais alunos conheçam a instituição. “Batalho muito para que haja mais proximidade entre a AEDA e os estudantes, para que o Colégio seja a porta de entrada deles para a AEDA”, diz Paglia.

Arquivo/AEDA



A AEDA promovia, antes da pandemia, campeonatos esportivos entre ex-alunos nas quadras do Dante. Na foto antiga, datada de 1929, um time de futebol de ex-alunos posa no campo de futebol do Colégio. Da esquerda para a direita, entre os jogadores agachados, o terceiro é Victório Américo Fontana, que participou da fundação da associação e a presidiu

Prima della pandemia, AEDA promuoveva campionati sportivi tra gli ex allievi sui campi della Dante. Nella vecchia foto, del 1929, la squadra di calcio degli ex allievi è in posa sul campo di calcio della scuola. Da sinistra a destra, tra i giocatori accovacciati, il terzo è Victorio Americo Fontana, che ha partecipato alla fondazione dell’associazione e l’ha presieduta

{AEDA}

Um dos eventos que mais fazem sucesso é o Pasta & Simpatia, realizado há mais de dez anos. Mensal, e suspenso por conta da pandemia, o jantar reúne ex-alunos, alunos e membros da AEDA para uma noite de massa e bom vinho. Mas há também almoços, *vernissages*, noites de autógrafos e palestras, sobre temas que vão de turismo a economia. Segundo o presidente, a ideia é fortalecer o lado cultural da entidade e, assim, fazer com que os ex-alunos “percebam na AEDA a memória do Colégio”.

Também para estimular a entrada de novos sócios, a associação envia carteirinhas de ex-aluno aos formandos do Ensino Médio de cada ano. “Hoje, já percebo que há muito mais estudantes que sabem o que é a AEDA do que há alguns anos”, afirma o presidente.

A necessidade de conhecimento de italiano em determinadas situações para a retirada de visto também atrai muita gente para os cursos. “Temos uma tradição muito forte nessa área de ensino”, diz ele. Aliás, foi na pandemia que a AEDA passou a oferecer cursos on-line. “Atualmente, a maior parte dos nossos alunos faz aulas virtuais. Foi um acerto nosso ter lançado essa opção.”

Os associados contam ainda com uma série de benefícios, como descontos em restaurantes e lojas e meia-entrada em teatros.

Vizinhos

Tanto os cursos como os eventos são realizados na sede da instituição, na esquina da alameda Jaú e da rua Peixoto Gomide, onde a AEDA está desde meados dos anos 1990. A casa de três andares pertencia à família Zarzur, de ex-alunos do Dante, e não poderia estar mais bem localizada. “Essa sede foi uma das grandes conquistas da associação, uma vez que queremos sempre estar perto do Dante”, diz Paglia.

O imóvel segue sendo adaptado e renovado para receber as novidades. No ano passado, por exemplo, foi inaugurada uma ala chamada de Centro Cultural Paolo Fabbriani, com salas de música equipadas com instrumentos e uma área de convivência. E o Colégio participa ativamente dos processos de melhoria da instituição, fazendo doações de equipamentos de informática e realizando obras, sejam de pintura, sejam consertos hidráulicos — o que só é possível pois a sede é patrimônio da AEDA. Entre os primeiros endere-



Arquivo/AEDA

A sede da AEDA é uma casa de três andares que pertencia à família Zarzur, de ex-alunos do Dante

La sede dell'AEDA è una casa a tre piani che apparteneva alla famiglia Zarzur, di ex allievi della Dante

ços da instituição estão as ruas do Carmo, Direita e São Bento, no prédio Martinelli, no centro de São Paulo.

Outra curiosidade é que, no início de sua história, a entidade se chamava IMDA (Sociedade dos Ex-Alunos do Instituto Médio Dante Alighieri) e só passou a ter o nome atual em 1959, depois de 18 anos com atividades suspensas por conta da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Paglia, pelo fato de nunca ter deixado de existir, a AEDA pode ser considerada uma das associações de ex-alunos mais antigas do país. Já são 91 anos de história, apenas 19 a menos que o Dante.

De ex-alunos para ex-alunos

Como todos os presidentes que ocuparam a cadeira em que ele está hoje – e como determina o estatuto –, Paglia também é ex-aluno do Dante. Estudou no Colégio desde a pré-escola até o Ensino Médio, de 1965 a 1976.

Estar no Dante era uma forma de a família ter laços com a Itália, já que seus pais eram

imigrantes da região da Basilicata, no sul do país de Dante Alighieri – o pai era de Lavello; a mãe é de Atella. “Meu pai tinha um tio vivendo no Brasil desde as primeiras levas da imigração italiana, que foi quem intermediou a vinda dele e da minha mãe em 1949, pouco depois da Segunda Guerra Mundial”, conta Paglia, que tem dois filhos também formados na escola.

Sempre com fortes relações com a Itália, Paglia foi diretor da AEDA por três mandatos consecutivos a partir de 2008 e, em 2017, assumiu o cargo mais alto (tanto o presidente quanto os diretores trabalham de forma voluntária).

Na época, Paglia tinha 58 anos e foi o presidente mais jovem desde a fundação da associação. Em quatro anos, fez uma reformulação do quadro de colaboradores e, hoje, é o mais velho da diretoria. “Quis trazer pessoas mais jovens, com ideias novas e bastante pique para trabalhar”, afirma. Afinal, toda energia é bem-vinda para que a AEDA continue desenvolvendo seu importante papel na sociedade.

Arquivo/AEDA



A AEDA em edição de junho de 1996 do jornal Fanfulla, quando da inauguração do espaço cultural da associação

L'AEDA nell'edizione di giugno 1996 del quotidiano Fanfulla, in occasione dell'inaugurazione dello spazio culturale dell'associazione

CURSOS da AEDA



Artes

- Aquarela
- Teatro

Culinária

- Cozinhando na Aeda

Idiomas

- Italiano
- Inglês

Jogos

- Xadrez

Música

- Bateria
- Guitarra
- Violão
- Piano
- Teclado
- Orquestra de guitarra
- Orquestra de violão
- Canto e Musicalização

Nossas atividades são abertas ao público em geral!

FAÇA UMA AULA EXPERIMENTAL GRATUITA!

Associação dos Ex-Alunos do Colégio Dante Alighieri

☎ 3284-6011 📞 97100-7910

🌐 aeda.com.br / loja.aeda.com.br

📷 aedaoficial 📘 aedaoficial



700

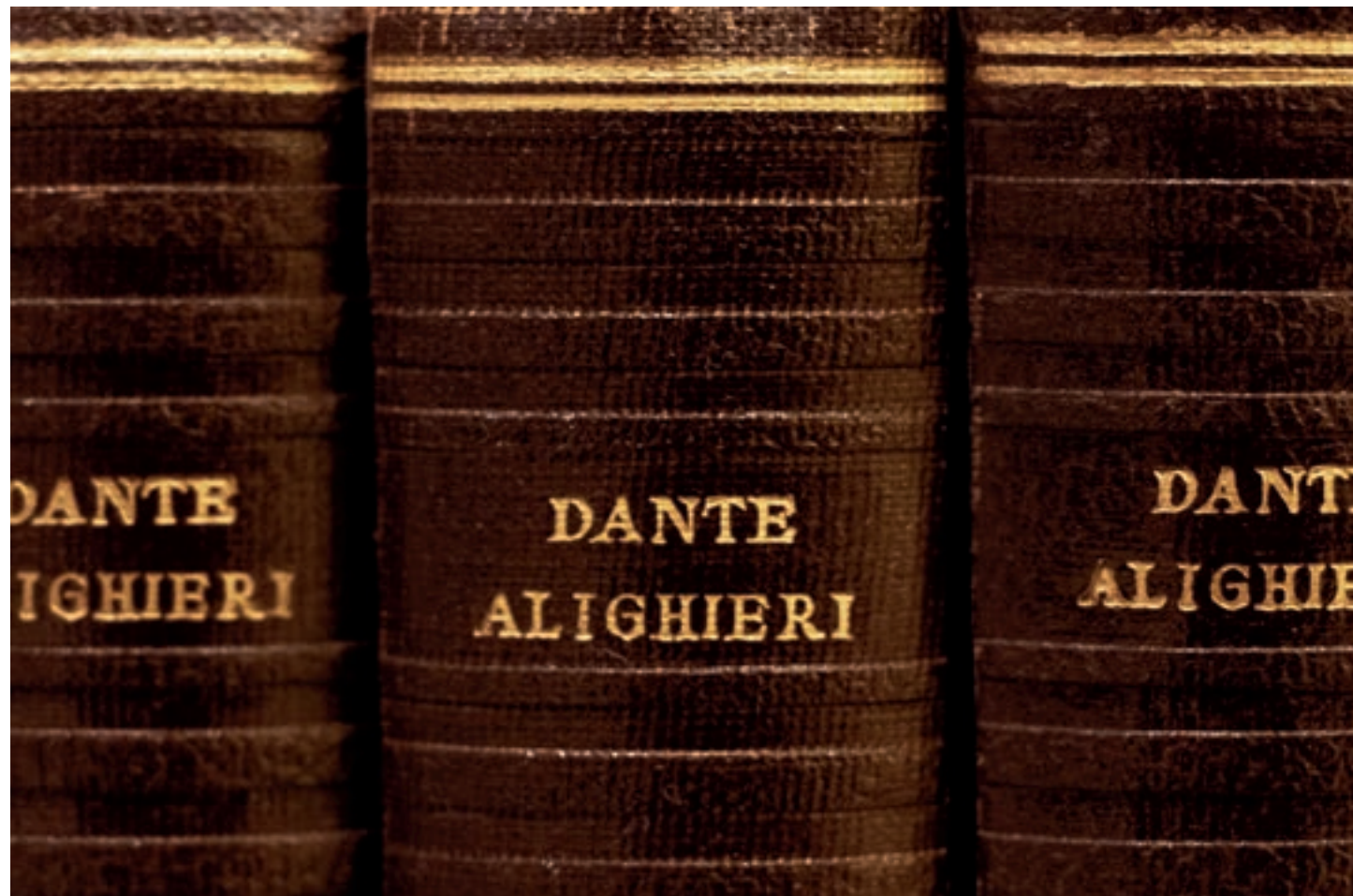
DANTE
ALIGHIERI

DANTE
ALIGHIERI

DANTE
ALIGHIERI

Como ler
A Divina Comédia?/44
Quem pesquisa Dante?/48
Autoficção/54
Espaço Aberto/60

Come leggere
la Divina Commedia?/44
Chi studia Dante?/48
Autofinzione/54
Spazio Aperto/60



Arthur Fujii

UMA JORNADA HUMANA

A professora Maria Cecília Casini, especialista na obra de Dante Alighieri, dá dicas sobre como podemos embarcar, com Dante, em sua travessia

Por Ana Júlia de Paiva Gennari

UN VIAGGIO UMANO

La professoressa Maria Cecilia Casini, esperta di Dante Alighieri, dà consigli su come possiamo intraprendere, insieme a Dante, il suo viaggio

Traduzione dell'articolo a pagina 78

Mesmo mais de 500 anos após seu lançamento, a grande jornada de Dante – repleta de percalços e aventuras pelos vales das sombras até alcançar o Paraíso – mantém-se viva, atual e extremamente relevante. Não à toa, serviu de inspiração e foi referenciada em inúmeras narrativas da literatura contemporânea, além de contar com adaptações em formatos distintos voltadas a adultos e ao público infantojuvenil.

A *Divina Comédia*, escrita originalmente em dialeto florentino, consolidou-se, ao olhar de muitos especialistas, como o início do Humanismo. “Depois de Dante veio Petrarca, Boccaccio, entre outros, mas ele é o primeiro. A sua perspectiva ainda é teológica de certa forma; digo, ele faz uma viagem ao reino dos mortos, que, no caso, só existe porque Deus existe. Mas a discussão sobre as paixões humanas e o mundo dos humanos está inteirinha presente em *A Divina Comédia*”, comenta o professor Sergio Mauro, mestre em língua e literatura italianas pela USP.

Mas como começar a desbravar essa leitura secular? A obra remete a algo difícil, complexo e assustador pela sua magnitude, o que pode afastar leitores. Para a especialista em Dante Alighieri Maria Cecília Casini, não é tão difícil assim embarcar com Dante em sua travessia — mas é preciso coragem para mergulhar no livro e empatia para sentir com os personagens. Formada em letras pela Universidade de Florença, ela é doutora em teoria literária e literatura comparada pela Universidade de São Paulo e pós-doutora na Universidade “L’Orientale” de Nápoles. É docente de língua e literatura italianas no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Confira a entrevista que ela concedeu à DC.

Dante Cultural: O que é necessário saber antes de ler *A Divina Comédia*?

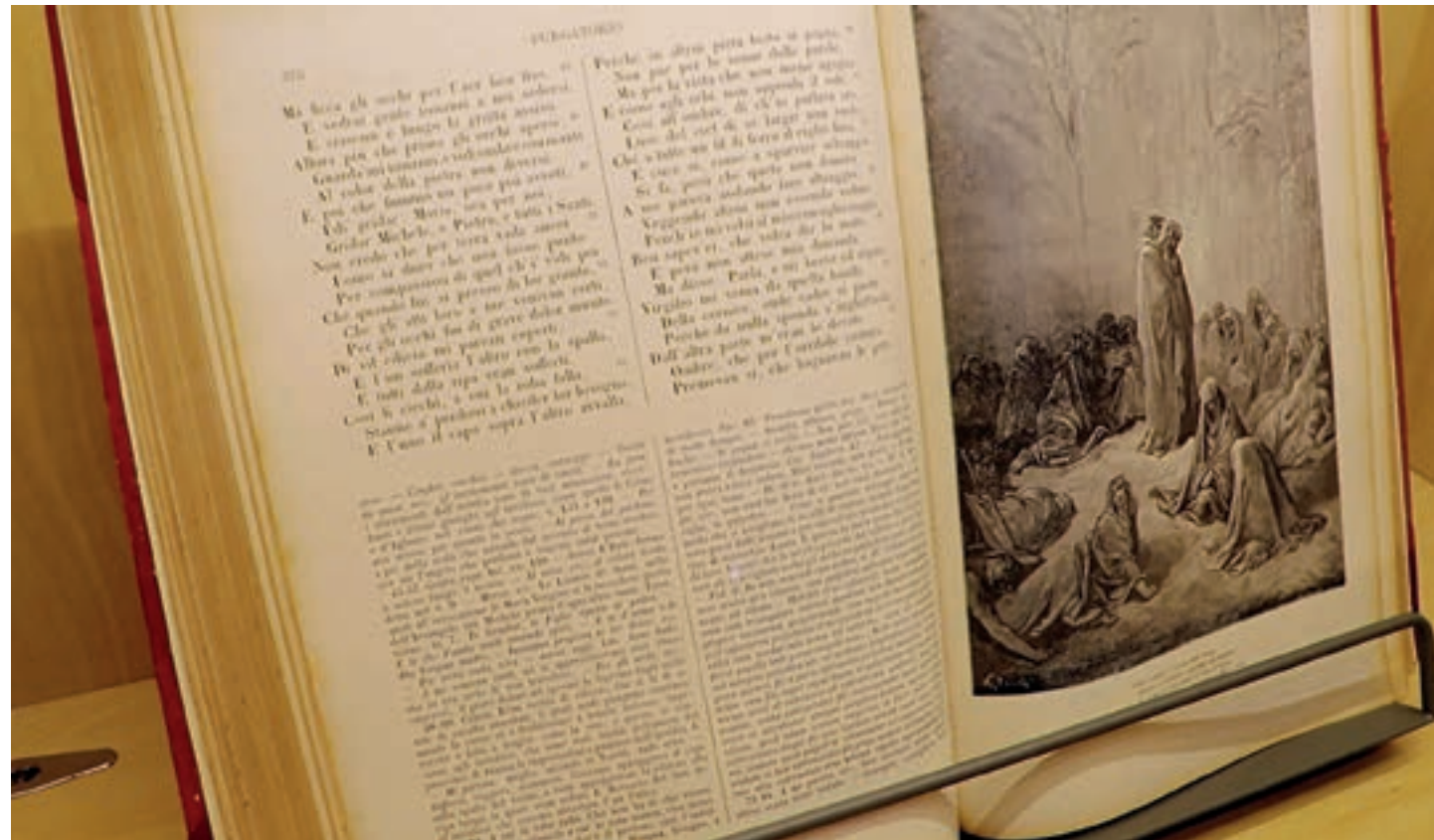
Profª. Maria Cecília Casini: *A Divina Comédia* com certeza é uma daquelas obras universais, digamos, que pertencem à categoria suprema das obras do engenho humano. Mas o que seria necessário saber? Bom, de um ponto de vista estritamente erudito, eu diria que Dante abrange todo o conhecimento de obras literárias, poéticas, teológicas, filosóficas e artísticas feitas em língua latina e grega que o antecedeu. Seria interessante, eruditamente,

conhecer algumas destas referências, como os textos da Bíblia, saber quem é Virgílio e principalmente sua obra Eneida, conhecer Homero e Aristóteles... Mas isso tudo não é estritamente necessário! O importante é embarcar com coragem em sua travessia, colocando-se pronto para enfrentar o que vier, compartilhando com Dante – de forma autoral – uma viagem que é de fato a própria vida. Minha maior dica, portanto, é não ter medo da grandeza de *A Divina Comédia* e de Dante. Prestar atenção à natureza, porque a obra é também a representação da natureza em toda a sua riqueza e particularidade. Prestar atenção à natureza humana do nosso interior, das emoções e dos confrontos com as nossas falhas, como também à natureza dos animais, vegetais e divina, considerando o ser humano uma criatura de um criador. E, por fim, ter a consciência de que a obra representa um marco pelo encontro entre a cultura antiga clássica e a cultura moderna contemporânea de Dante – ou seja, aquela da Europa Medieval –, significando um elo entre o que o ser humano foi antes do nascimento de Cristo, na visão de Dante, e o que fora depois.

DC: Como começar a ler um livro tão denso? Você tem alguma dica?

Profª. MCC: Não acredito que exista uma maneira mais certa do que outra para começar, não existe receita pronta. Mas, retomando minha fala anterior, antes de qualquer coisa é preciso deixar o medo de um grande clássico de lado. Sendo prática, talvez seja útil e até mais interessante começar lendo alguns episódios e textos mais famosos de *A Divina Comédia*. Refiro-me àqueles trechos que já saíram do conhecimento restrito de especialistas e que têm imagens – inclusive recorrer a imagens pode ser bom para integrar o intelecto à imaginação. Trata-se de textos como de Ulisses, de Francesca, do Inferno, de alguns personagens do Purgatório, como Casella, frade Alberico de Manfredi e São Bernardo. Mas eu diria que, ao se aproximar da obra, cada um pode descobrir qual é o melhor jeito que lhe convém para usufruí-la plenamente.

DC: Pensando em dialogar com alguém que nunca leu e nem sabe do que se trata o livro, quais seriam as simbologias principais para entender o Inferno, o Purgatório e o Paraíso?



Arthur Fujii

Profª. MCC: Eu não falaria tanto em simbologias ou símbolos, mas em alegorias. Os três mundos perfazem o mundo ultraterreno de Dante. No Inferno, as alegorias envolvem a capacidade de lidar com seus próprios sentimentos, sejam eles quais forem, e de ter empatia, não sendo indiferente ao destino daqueles e daquelas que Dante encontra. No Inferno sentimos e transferimos a nós mesmos, na nossa própria carne e nosso próprio corpo, o que esses personagens nos dão. E eventualmente sofremos com eles, alimentando nossa coragem de enfrentar a vida, que nos coloca para frente, como faz com Dante. Há também a alegoria de superar momentos negativos e desenvolver capacidades emocionais para seguir viagem. E assim nós chegamos ao Purgatório. Nele, há aprofundamento nos personagens, que ainda denotam o sofrimento humano, mas como rito de passagem para chegar ao Paraíso. E, quando chegamos ao Paraíso, Dante desabrocha toda a capacidade intrínseca do ser humano como criatura divina. Quanto mais próximo de Deus as almas se encontram, mais elas vão perdendo seus contornos e se tornando luz. O resultado alegórico é o aprimoramento da nossa capacidade de dar

concretude à imaginação e fantasia no mundo moderno, além da superação das dificuldades, quando você as enxerga e as reconhece com aquela força da imagem alegórica.

DC: Por fim, por que ler este clássico que tem mais de 500 anos?

Profª. MCC: Eu poderia responder de diversas maneiras: porque é lindo, simplesmente lindo; porque instiga a curiosidade, até pelo som de cada terceto, a partir da maestria que Dante teve para unir as palavras e criar versos; porque é quase impossível parar de ler depois que se começa. Mas eu vou voltar minha resposta para aqueles que são italianos ou de ascendência italiana aqui no Brasil, ou quem estuda a língua italiana e se interessa pela cultura italiana de alguma forma: ler *A Divina Comédia* é ter o privilégio de ler a história cultural da Itália, porque Dante escreveu uma das maiores obras da literatura e do pensamento na língua italiana – e a língua obviamente mudou ao longo do tempo, mas nós a reconhecemos, portanto podemos senti-la de forma privilegiada. Ler Dante é continuar se aproximando da italianidade.



Venha conhecer o **maternal** do Dante!

Agora, os pequenos têm mais do que uma sala de aula - são várias estações de atividades rotativas pensadas com todo o carinho para as habilidades que serão desenvolvidas com professoras especializadas, em 18 ambientes e com foco em cinco direitos de aprendizagem: conviver, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

SAIBA MAIS: www.colegiodante.com.br

CONVIVER
PARTICIPAR
EXPLORAR
EXPRESSAR
CONHECER-SE



UM OBJETO DE ESTUDO SETE VEZES CENTENÁRIO

A DC conversou com cinco pesquisadores brasileiros para compreender a relevância de estudar por aqui, ainda hoje, a obra do poeta Dante Alighieri

Por Luisa Destri Ilustrações: Grazieli Barreto Cunha

UN OGGETTO DI STUDIO SETTE VOLTE CENTENARIO

La DC ha parlato con cinque ricercatori brasiliani per capire l'importanza di studiare qui, ancora oggi, l'opera del poeta Dante Alighieri

Traduzione dell'articolo a pagina 79

Mesmo quem nunca leu Dante Alighieri nem ouviu falar a seu respeito está imerso nos desdobramentos de sua criação. Essa é a opinião de quem se dedica a estudar profissionalmente os escritos do poeta florentino, como resume Eduardo Sterzi, professor de teoria e história literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): “Grande parte da imaginação contemporânea do inferno vem diretamente de Dante”, ele afirma, referindo-se ao imaginário consagrado pela primeira parte da *Divina Comédia*, que ainda hoje determina o modo como pensamos em um sofrimento eterno imposto às almas humanas. “Essas imagens estão por toda parte no cinema e na televisão, mas também nos quadrinhos e nos games”, completa o autor de *Por que ler Dante* (editora Globo, 2014), ressaltando que, em termos de catástrofe ambiental e sanitária, crise política e econômica, a própria imaginação do mundo contemporâneo tende a se confundir com esse inferno, para além dos limites da cultura e da religião.

Outro pilar do cristianismo, religião de Dante ainda predominante em boa parte do Ocidente, é a ética presente na *Comédia*, herança do filósofo grego Aristóteles, como lembra Emanuel França de Brito, professor de língua e literatura italianas na Universidade Federal Fluminense (UFF).

“Mas, independente da religião de quem lê, essa matéria traz ideias de limites e de justiça muito impregnadas na nossa cultura, fornecendo parâmetros ainda válidos para se distinguir o que é certo e o que é errado”, afirma ele, que dedicou sua tese de doutorado e sua dissertação de mestrado à obra do mestre florentino.

Para exemplificar como a forma dantesca de ver e organizar o mundo pode ser iluminadora ainda hoje, Brito se refere a uma das questões que guiaram sua pesquisa defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 2010. Considerando tanto a *Comédia* como *Convívio*, obra filosófica de Dante, o pesquisador mostra como o pecado da gula, responsável por levar personagens ao inferno, tem semelhanças com a sede pelo conhecimento. “Qual é o limite que, ultrapassado, torna o estudioso um ‘guloso’? O mito bíblico conta que Eva morde a maçã para conhecer o bem e o mal, o que a faz ser expulsa do paraíso”, lembra, sublinhando que, segundo a religião católica, o fiel deve evitar o pecado de Eva, afastando a tentação de morder a maçã e respeitando os limites do conhecimento. “A fé é um conhecimento a partir do qual se raciocina, mas ela mesma não explica muitas coisas e exige do fiel que cria



*Nel mezzo del cammin di nostra vita mi ritrovai
per una selva oscura, che la diritta via era smarrita.
Ahi quanto a dir qual era è cosa dura esta selva sel-
vaggia e aspra e forte che nel pensier rinnova la pau-
ra! Tanto amara che poco è più morte; ma per trattar
del ben ch'è vètrovai, dirò de l'altre cose ch'è v'ho gran-
te. Io non so ben veder com'è v'entra, tant'era pien di
sonno a quel punto che la verace via abbandonai.*

“A introdução de Dante em língua portuguesa, por um fato inusitado, ocorreu primeiro no Brasil”, conta Pedro Falleiros Heise, professor de língua e literatura latinas na UFSC. O médico italiano Luiz Vicente De Simoni (1792-1881), aqui radicado, foi pioneiro ao traduzir alguns dos mais famosos cantos do Inferno, além dos primeiros cantos do Purgatório e do Paraíso.

“L'introduzione di Dante nella lingua portoghese, per un fatto insolito, è avvenuta per la prima volta in Brasile”, racconta Heise, la cui tesi, discussa all'USP nel 2007, mostra lo spirito pionieristico del medico italiano Luiz Vicente De Simoni (1792-1881), qui radicato, che ha tradotto alcuni dei canti più famosi dell'Inferno, oltre ai primi canti del Purgatorio e del Paradiso.

no mistério de milagres”, esclarece. E explica ter-se originado daí a pergunta que guia o seu trabalho: “É justo que busquemos mais conhecimento, independentemente de limites impostos por religiões?”. Enquanto os textos clássicos procuram responder essa pergunta a partir de valores atemporais, como a vaidade intelectual e o egoísmo, há uma leitura contemporânea possível, que mostra toda a atualidade da questão: “Se a busca pelo conhecimento obedece apenas à vontade individual, ela não se equipara à gula?”, questiona o professor da UFF, aproveitando a reflexão para fazer um alerta: “Isso nos lembra que as pesquisas não devem girar em torno apenas de nossos interesses pessoais, deixando de gerar frutos para além da academia, o que já acontece em algumas áreas e pode sempre aumentar”. A universidade deve manter um diálogo aberto com a sociedade e atuar como formadora de opinião, ele defende – ressaltando que, para isso, é preciso haver também políticas públicas: “O investimento em pesquisas não pode ser visto como algo menor no orçamento público, como vem acontecendo no Brasil”.

Também para Mariana Romero, historiadora que vem pesquisando a obra dantesca na interface com os estudos literários, a importância de conhecer e estudar a obra e o universo do poeta florentino está ligada à possibilidade de conhe-

cer outra cultura, “tão distante e ao mesmo tempo tão próxima”: “Isso nos aproxima das nossas raízes e também nos faz refletir sobre a grandiosidade das obras de arte, que o são porque sempre são belas e atemporais”, afirma. Professora no Instituto Federal de Goiás (IFG), ela conta que os estudos realizados como especialista alimentam seu trabalho em sala de aula. Embora muitos dos estudantes nunca tenham ouvido falar do poeta, em suas aulas a turma é convidada a conhecer a Itália medieval de Dante e a grandeza de Florença. “Porque não é só o Dante, né? Depois dele todo mundo pintou, escreveu, esculpiu as imagens descritas por ele. Poder dialogar com outras linguagens (pinturas, filmes, quadrinhos, videogame) para trazer a cultura italiana para o Brasil atual é fantástico, uma forma de esquecer os sete séculos que nos separam do *umano di divina sapienza*”, afirma, citando as palavras com que outro poeta italiano, Giovanni Boccaccio (1313-1375), definiu Dante.

A importância de conhecer e celebrar por aqui uma cultura reconhecida como canônica em diversas partes do mundo é lembrada também por Pedro Falleiros Heise, professor de língua e literatura latinas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Dante não é o único grande poeta italiano, nem o melhor, pois não acredito que Dante seja melhor que Petrarca ou

que Boccaccio, nem que Petrarca seja melhor que Dante ou que Boccaccio, e assim por diante. Todos são poetas enormes, e por isso todos merecem ser lidos, comemorados, lembrados”, afirma o pesquisador, que estudou tanto no mestrado como no doutorado a circulação brasileira da obra dantesca.

“A introdução de Dante em língua portuguesa, por um fato inusitado, ocorreu primeiro no Brasil”, conta Heise, cuja dissertação, defendida na USP em 2007, mostra o pioneirismo do médico italiano Luiz Vicente De Simoni (1792-1881), aqui radicado, ao traduzir alguns dos mais famosos cantos do Inferno, além dos primeiros cantos do Purgatório e do Paraíso. “Essas traduções foram incluídas no *Ramalhete poético do parnaso italiano*, coletânea bilíngue que abrange poetas desde Dante até Pellico e outros contemporâneos da publicação dessa obra, que ocorreu em 1843 por ocasião do casamento entre Pedro II e a italiana (napolitana) Teresa Cristina”, esclarece, completando que na antologia estão, além de Dante, Petrarca, Ariosto, Tasso, Metastasio, entre outros poetas hoje esquecidos. “Foi apenas depois dessa tradução de De Simoni que começaram a ser publicadas outras em língua portuguesa, no Brasil e em Portugal”, conclui.

Percursos

“Dante não foi sempre o Dante em que pensamos hoje”, defende Heise. “Há uma história que conta como Dante virou esse Dante de cuja morte estamos agora comemorando os 700 anos.” O professor da UFSC explica que o poeta florentino passou a ser considerado o “pai da pátria” italiana a partir da leitura que a ele dedicou o filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1774) e das iniciativas relacionadas ao *Risorgimento*, movimento que buscava a unificação italiana no século XIX. Também no Brasil existe uma história da leitura de Dante, que tem em seus principais capítulos a primeira metade do século XX, quando se divulgou a ideia de Dante como o pai de uma Itália específica – aquela dominada por Mussolini, o que interessava a autores ligados à Ação Integralista

Brasileira, movimento político ultraconservador inspirado no fascismo italiano. A partir da grandeza do poeta, tentava-se promover a ideia de que o povo italiano fosse, sob o fascismo, um povo mais avançado. “Por isso, julgo muito importante conseguirmos separar a obra dantesca da figura que se construiu do poeta: uma coisa são os poemas de Dante, outra é a imagem que se criou dele”, problematiza o pesquisador.

A importância de ler o poeta florentino considerando o contexto e a história surge também nas pesquisas de Sterzi, cuja tese de doutorado, defendida na Unicamp em 2006, procura mostrar como Dante confere “um peso inédito — mas condizente com toda a atmosfera cultural de sua época — à ideia de *novidade*. Não por acaso, ele mesmo falou, por exemplo (e são só os exemplos mais conhecidos), em *vita nova* e *dolce stil novo*”. Esse é o seu ponto de partida para pensar como um autor normalmente visto em relação com a Idade Média e o Renascimento pode ser lido como o anunciador da modernidade. Para o professor da Unicamp, o livro dantesco inaugural, *Vita nova*, com seu caráter crítico-narrativo, tem papel decisivo no modo como irá se configurar a *Comédia*, cuja novidade está no fato de ser um poema épico narrado por uma primeira pessoa que se confunde com a figura do próprio autor – o que não acontecia antes de Dante, mas acontecerá em grande parte da tradição literária posterior.

Enquanto Sterzi considera que a modernidade seja a “sua” questão como pesquisador, levando-o a percorrer não apenas a obra de diferentes autores e diferentes épocas – sua dissertação de mestrado é sobre o poeta brasileiro Murilo Mendes (1901-1975), e outros de seus estudos versam sobre o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, o movimento concretista brasileiro, entre outros temas –, os pesquisadores voltados para a obra dantesca em geral têm a sua trajetória profissional marcada pela relação com o mestre florentino. Heloísa Abreu de Lima, que em 2019 defendeu uma dissertação de mestrado na Unicamp sobre a configuração formal dos versos da *Comédia*, conta sobre a importância do contato que teve com a obra-prima de Dante, ainda no primeiro semestre da graduação em estudos literários: “Gostei tanto do livro que resol-

{QUEM PESQUISA DANTE?}

vi estudar italiano para reler em língua original. No segundo semestre, como conclusão de uma disciplina, fiz um trabalho a respeito da obra. Esse trabalho se tornou depois a minha iniciação científica e a minha monografia". Durante o mestrado, Lima recebeu uma bolsa de estudos do Ministero degli Affari Esteri, que todo ano disponibiliza apoios para estrangeiros, e passou seis meses pesquisando na Università di Roma "La Sapienza".

A trajetória de Heise foi semelhante: depois de ler a *Comédia*, ainda na graduação, decidi que iria estudá-la na pós-graduação. "Depois dessa primeira leitura, morei por quase um ano na Itália, quando aprofundi meus conhecimentos da língua italiana, já com o intuito de poder, mais tarde, me dedicar à obra de Dante", conta. De volta ao Brasil, começou a iniciação científica, reunindo materiais que usaria nas pesquisas posteriores.

Os cinco pesquisadores ouvidos nesta matéria receberam bolsa de estudo para realizar parte de suas pesquisas na Itália, o que lhes permitiu entrar em contato com um ambiente acadêmico diferente do brasileiro. Enquanto Sterzi pontua

particularidades metodológicas que levam os italianos a considerarem o texto das obras de maneira diferente dos estudos literários brasileiros, Romero relembra o curso *Scuola estiva internazionale in Studi danteschi*, que frequentou em Ravena (último reduto do poeta florentino), ao longo do qual estudantes, pesquisadores e professores fazem uma imersão dantesca. Já Brito ressalta duas diferenças fundamentais: a primeira é a formalidade do ambiente de pesquisa italiano, enquanto no Brasil a universidade é marcada pela informalidade que caracteriza a nossa identidade cultural. "Mas a principal diferença é sempre em relação aos investimentos públicos, feitos tanto na estrutura quanto na conservação de materiais", ele pontua. E, com ênfase, completa: "Com importantes exceções, temos muito material histórico se deteriorando no nosso país. É nossa memória que se perde. Nesse aspecto, os italianos já aprenderam que a cultura deles depende também da sobrevivência de sua história, de seus documentos, de suas ruínas milenares". Não é à toa que Dante Alighieri segue presente por aqui, setecentos anos depois de sua morte.



*L'amor che move il
globo e l'altre stelle*



THE BUGS SHOP

Rua Barão de Capanema, 577, loja 07
Telefone: (11) 3063-5863
Roupas de 0 a 14 anos

Pega sua condição
especial de 20%
de cashback





NO LIMIAR DA AUTOBIOGRAFIA E DA FICÇÃO

Por Carolina Ferreira*

AL LIMITE TRA AUTOBIOGRAFIA E FINZIONE
Traduzione dell'articolo a pagina 81

Falar de Dante Alighieri não é tarefa fácil, o que explica o volume de estudos que continuam a ser realizados, mesmo depois de séculos da publicação de sua obra. Nascido em Florença em 1265, Dante é mais conhecido pela sua *Divina Comédia*, publicada em 1472. *Vita Nuova*, seu primeiro livro, publicado em 1294, traz um escritor que fala de si — na obra, o autor narra seu amor por Beatriz Portinari.

A prática da autoficção é bastante antiga, apesar de o termo ter sido cunhado apenas em 1977 por Serge Doubrovsky. Na contemporaneidade, não há um rigor no fazer literário quando pensamos em forma e limites rígidos entre narrador e autor. “Em certa medida, toda lírica é sobre o ‘eu’. Agora, o quanto esse ‘eu’ coincide com o do autor e o quanto ele é ficcional é bem discutível”, afirma a professora, escritora e crítica literária Noemi Jaffe.

Vita Nuova, de Dante, é um obra híbrida, que mescla a prosa e o verso. E, apesar de seu caráter autobiográfico, o autor evoca outras vozes para compor a narrativa, o que traz a ela diferentes perspectivas da mesma história. O “eu” presente no texto se trata de um “eu” empírico, ou seja, que narra fatos que já aconteceram, em uma tentativa de apreender parte do que passou, inevitavelmente deixando, assim, algo escapar. A memória é um recurso importante nessa construção, segundo a filósofa e escritora Jeanne Marie Gagnebin: “Nós articulamos o passado, (...), nós não o descrevemos, como se pode tentar descrever um objeto físico”. Um texto autobiográfico contém em si uma ficção inevitável, já que a memória nunca é objetiva e precisa, mas sempre subjetiva.

Ao cunhar o termo autoficção, Doubrovsky cria um marco: juntar em uma palavra duas formas de escrita que, usualmente, pareciam se opor pode causar, em princípio, a sensação de que a autoficção provoca uma espécie de desorganização da biografia. Mas, na realidade, a biografia se transforma ao ser reconstruída e modificada com elementos do imaginário e da criação literária. Apesar de seu pioneirismo, a obra de Doubrovsky não teve impacto imediato e não se falou em autoficção na França até o início dos anos 1990. Segundo pesquisas reali-

zadas em torno do gênero, apenas em 1992 foi realizado o primeiro colóquio sobre o tema, e foi só no início dos anos 2000 que a autoficção tornou-se um gênero formalmente consolidado.

A articulação da memória e sua transposição para a ficção, bem como a figura do escritor (que aqui podemos chamar de escritor empírico), borrando-se na figura da personagem e/ou do narrador exigem do leitor um olhar atento. Claro que a verossimilhança proporcionada pela autoficção pode levar mais leitores a se conectarem com uma obra. Porém, é preciso lembrar que o texto permanece inserido no universo da literatura. Fatos autobiográficos não sobrepõem o fazer literário.

Em Vita Nuova, publicado antes da Divina Comédia, Dante narra seu amor por Beatriz Portinari

Copertina Vita Nuova o dipinto Henry Holiday: Nella Vita Nuova, libro pubblicato prima della Divina Commedia, Dante racconta il suo amore per Beatrice Portinari



No caso da autoficção, há um limiar entre a autobiografia e a ficção, como se o pacto de leitura se tornasse um emaranhado. Pode ser natural para muitos leitores ser levado a pensar que tudo que está ali se trata do próprio escritor, mas, por mais confessional que a obra possa parecer, nela há traços do fazer literário do autor. Podemos utilizar como exemplo a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, que ficou conhecida na década de 1960 pela publicação de seu *best-seller Quarto de Despejo* (editora Ática), mas que antes desse período já escrevia e tinha feito pequenas aparições em jornais como “a poetisa negra”.

Na escrita dos diários que compõem a obra de Carolina é possível observar que a autora executa uma construção narrativa interessante. Os leitores mais apegados ao que parece ser simulacro do real, presente nos relatos

do livro, podem perder de vista a evocação de imagens da ordem do sensível que Carolina realiza em meio aos acontecimentos cotidianos, assim como a forma poética como ela narra o seu entorno.

O texto está inserido no campo literário, fazendo com que mesmo aquilo que parecemos reconhecer seja, na verdade, algo novo. O cotidiano, esse que chamamos de real, é um estado não linguístico, bruto, que para ser transposto para o universo literário se transforma em outro. A linguagem da autoficção talvez seja um convite para que o leitor veja aquilo que já conhece de uma forma nova – como se visse pela primeira vez.

Se esse movimento de deslocar o real para o ficcional ocasiona em uma transformação do fato, como a autoficção pode também transformar o leitor? De que forma esse

gênero conversa com os tempos atuais? A literatura em si, seja aquela produzida no tempo de Dante, seja a de hoje, tem um poder de transformar gradativamente aquele que se abre para esse universo de possibilidades infinitas como um exercício de alteridade. Ela dá conta, mesmo que em um ritmo diferente do que vivenciamos diariamente por estarmos hiperconectados, de intervir na realidade social.

Esse exercício de alteridade se faz presente à medida que o leitor se aprofunda nas leituras, caminho esse que é percorrido de acordo com o repertório individual. Julián Fuks, autor de *A Resistência*, publicado pela editora Companhia das Letras e vencedor do prêmio Jabuti em 2016, conta que o que impulsionou a escrita da obra foi a tentativa de explorar o tema da adoção, na busca de compreender a resistência do irmão ao convívio familiar. Mas

o ato de resistir se desenrola em outros desdobramentos dentro do livro, por conta do resgate histórico que Fuks faz para contar essa história — a resistência é também a dos pais à ditadura militar, e a do próprio narrador em narrar. Essa construção faz com que o livro ocupe um lugar próximo aos limites de um romance.

Para a escritora Noemi Jaffe, “atualmente, a autoficção dialoga também com um mundo muito mais confuso e sem cânones ou parâmetros fixos de nenhum tipo. Já não há Deus, pátria ou uma moral que rejam a todos, e cada autor tem como parâmetro principal a si mesmo. Isso torna a autoficção muito mais porosa, livre, mas também mais desafiadora, pois não há limites para nada”. A autora publicou recentemente o livro *Lili: Novela de um luto*, pela Companhia das Letras.

Divulgação



Os diários da escritora Carolina Maria de Jesus, que compõem Quarto de despejo, foram lançados na década de 1960, e a obra tornou-se best-seller

I diari della scrittrice Carolina Maria de Jesus, che compongono il libro Quarto de despejo, sono stati pubblicati negli anni '60 e l'opera è diventata un best seller

“ 5 de maio Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

- Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

...A noite está tepida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido. (...)

(Trecho de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, página 32. Editora Ática, 2019, R\$ 55)

Divulgação



A Resistência, de Julián Fuks, parte do tema da adoção de seu irmão e explora também a ditadura militar argentina

In A Resistência, Julián Fuks parte dal tema dell'adozione del fratello e parla anche della dittatura militare argentina

“ Não quero imaginar um galpão amplo, gélido, sombrio, o silêncio asseverado pela mudez de um menino franzino. Não quero imaginar a mão robusta que o agarra pelas panturrilhas, os tapas ríspidos que o atingem até que ressoe seu choro aflito. Não quero imaginar a estridência desse choro, o desespero do menino em seu primeiro sopro, o anseio pelo colo de quem o receba: um colo que não lhe será servido. Não quero imaginar os braços estendidos de uma mãe em agonia, mais um pranto abafado pelo estrondo de botas contra o piso, botas que partem e o levam consigo: some a criança, resta a amplidão do galpão, resta o vazio. Não quero imaginar um filho como uma mulher em ruína. Prefiro deixar que essas imagens se dissipem no inaudito dos pesadelos, pesadelos que me habitam ou que habitaram uma cama vizinha à minha.”

(Trecho de *A Resistência*, de Julián Fuks, página 11. Editora Companhia das Letras, 2015, R\$ 44,90)

Na obra, ela esmiúça as dores do luto pela morte da mãe e rememora a vida partilhada com ela, tateando de que maneiras se dá a permanência de parte de quem morre com quem fica. Noemi conta que se sentiu convocada pela escrita, que teve como motivação uma experiência pessoal muito forte. “Quase nem escrevi pensando num livro, mas pensando na minha dor, apenas.” A autora não vê diferença entre a autoficção e os outros gêneros, no que se refere à aproximação entre leitor e obra. “Tudo depende da forma como o livro é escrito e da relação que o leitor estabelece com ele, independentemente do gênero”, pontua.

Apesar dos séculos que separam produções contemporâneas de *Vita Nuova*, há algo no nível da experiência humana que as conecta. Dante introduz, na obra, aspectos inovadores para o seu tempo, narrando uma experiência amorosa huma-

na a partir de elementos da memória e imaginação no período da Idade Média. Ele é narrador de sua própria experiência, mas também aquele que busca compreendê-la ao deslocá-la para o literário. No limiar da autobiografia e da ficção algo é inaugurado. A literatura de forma geral aproxima as pessoas da realidade concreta do corpo de quem está vivendo aquilo. As obras dos autores aqui apresentados nos dizem que nós, enquanto indivíduos, não estamos isolados. E nos dizem que, em tempos em que há um excesso de presença virtual, é importante colocarmos a mão na carne do real e mergulharmos na potência que a experiência subjetiva pode proporcionar. No encontro e aproximação do eu com os outros.

*Carolina Ferreira é mestrandia em literatura e crítica literária pela PUC-SP

“Atualmente, a autoficção dialoga também com um mundo muito mais confuso e sem cânones ou parâmetros fixos de nenhum tipo. Já não há Deus, pátria ou uma moral que rejam a todos, e cada autor tem como parâmetro principal a si mesmo. Isso torna a autoficção muito mais porosa, livre, mas também mais desafiadora”, afirma a autora Noemi Jaffe

“Attualmente l'autofinzione dialoga anche con un mondo molto più confuso e senza canoni o parametri fissi di alcun genere. Non c'è più Dio, patria o morale che governi tutti, e ogni autore ha se stesso come parametro principale. Questo rende l'autofinzione molto più porosa, libera, ma anche più impegnativa”, afferma l'autrice Noemi Jaffe



Divulgação



Divulgação

“E para onde vou agora? Para qual futuro vou sem ela, que é uma parte de mim, ela, de quem sou uma parte? Tenho também a inocência dela, a curiosidade e o espanto com o desconhecido e a natureza, e me pego sempre pensando em coisas como ‘o que os cegos estão sonhando?’ Mas também estou sempre em estado de julgamento e opinião, para os quais ela não dava muita importância. Ela era, às vezes, burramente sincera, dizia as maiores besteiras para algumas pessoas que, de forma compreensível, se ofendiam. Eu chamava a sua atenção e ela dizia: ‘Que que tem? É verdade’, como se o que ela classificava como verdade fosse uma urgência absoluta que precisasse ser dita. Eu aprendi a usar o silêncio para não me incriminar.”

(Trecho de *Lili: Novela de um luto*, de Noemi Jaffe. Editora Companhia das Letras, 2021, R\$ 39,90)

O livro mais recente da escritora Noemi Jaffe traz as dores do luto pela morte de sua mãe e o questionamento sobre como se dá a permanência de parte de quem morre com quem fica

Nel suo libro più recente, la scrittrice Noemi Jaffe parla dei dolori del lutto per la morte della madre e pone domande su come avviene la permanenza di una parte di chi muore con chi rimane

Sugestões de leitura

Noemi Jaffe:

- *Os anéis de Saturno*; uma romagem inglesa; W. G. Sebald

- *Azul e dura*; Beatriz Bracher

- *Patrimônio*; Philip Roth

Carolina Ferreira:

- *Água de barreira*; Eliana Alves Cruz

- *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*; Maya Angelou

- *Minha casa é onde estou*; Igiaba Scego



Divulgação

INVERNO DE DANTE

Por Karin Hueck Ilustrações: Audrey Tigre

L'INVERNO DI DANTE

Traduzione dell'articolo a pagina 83

O vizinho insuspeito que me fez a pergunta achava que estava apenas cumprindo o Protocolo Oficial de Elevador. Entrou, acenou com a cabeça e disse: “que calor hoje, hein?”, impedindo assim que fizéssemos a viagem vertical em silêncio. Ergui as sobrancelhas para que ele soubesse que eu o havia ouvido e concordei. Ele não tinha como saber, mas eu pensava no clima o tempo todo.

Começou um dia, quando percebi que fazia anos que eu não via um tatu-bolinha*. Costumava achá-los em toda parte, nos canteiros de rua, no quintal das casas. Para onde tinham ido? O mesmo com as borboletas. Por que se passavam meses sem que uma cruzasse o meu caminho? Um Google rápido me levou a um termo que eu gostaria de não ter aprendido: o “Apocalipse dos Insetos”. Aparentemente, nos últimos cinquenta anos, a população de insetos no planeta despencou em setenta e cinco por cento. Excesso de agrotóxicos e crise climática, dizem.

Desde então, passei a ver sinais em tudo, como os personagens paranoicos de filmes. A vez em que o círculo polar ártico queimou, a 32°C. Ou quando o céu de São Paulo amanheceu amarelo pelas cinzas de queimadas distantes. Enchentes arrancando cidades inteiras do mapa na Alemanha. Ou o Paquistão, que se acostumou a temperaturas beirando os 60°C. Alguma coisa está fora da ordem.

Uma vez, durante outra dessas minhas pesquisas obsessivas, descobri que, antes de começarmos a jogar toneladas de carbono na atmosfera, o planeta estava esfriando. Até cem anos atrás, o mundo passava por uma pequena era glacial, um período que durou quase seis séculos e

que começou em um tempo que os historiadores chamam de Anomalia de Dante.

Nessa época, nos primeiros vinte anos do século XIV, o clima mudou. Foram décadas em que o Sol praticamente não apareceu. Um vento polar cobriu a Europa em uma névoa gelada constante. Caía tanta água do céu que a Terra virou barro. Sementes apodreciam nos campos molhados antes de germinar. Fome, pragas, revoluções.

A Anomalia de Dante tem esse nome porque coincidiu com os últimos anos da vida de Dante Alighieri, justamente quando ele escreveu a sua Divina Comédia. Alguns estudiosos acreditam que ele tenha se inspirado no clima dessas duas décadas para castigar os glutões, os gulosos demais, enviados ao terceiro ciclo de seu Inferno: “Aqui não se renova/ porque eterna é a chuva fria e dura;/ não muda a essência e a lei jamais é nova./ Saraiva grossa com neve e água escura/ pelo ar trevoso eternamente caem;/ fede a terra que dela se satura”. Pois bem, sabemos também como é viver em meio a uma catástrofe climática.

Eu me revolto quando dizem que falar sobre o tempo é conversa de elevador. Não sei como é possível conversar sobre qualquer outra coisa. Ainda estava ao lado do meu vizinho quando terminei meus devaneios climáticos. Antes de sair do elevador, no meu andar, finalmente o respondi: “sim, está calor. E só vai piorar”.

*Tatus-bolinha não são insetos, mas crustáceos, o que também não os salvou do apocalipse.





VISITE O NOSSO DECORADO

Por Pâmela Carbonari

SCOPRI LE NOSTRE DIMORE ARREDATE
Traduzione dell'articolo a pagina 84

Todos os meses você se pergunta se vai conseguir pagar o aluguel? Sem perspectivas de bancar a casa dos seus sonhos? Cansado dos anúncios de imóveis que reduzem a sua existência a uma sacada gourmet? Seja bem-vindo à incorporadora Eternità, o seu lar para todo o sempre. Meu nome é Virgílio e eu vou abrir uma exceção para lhe mostrar um empreendimento exclusivo que ao longo dos milênios se tornou um marco da arquitetura de vanguarda.

Primeiramente, para aproveitar ao máximo a visita ao nosso decorado, sugiro que você deixe suas esperanças de fora dessa experiência, porque nem em sonho você vai encontrar um projeto tão engenhoso. Escavado em um único golpe, este residencial subterrâneo é composto por nove blocos circulares idealizados para suprir as mais altas exigências dos nossos clientes.

Os ardilosos profissionais responsáveis pela obra desenvolveram um conceito híbrido de moradia para estimular a sinergia entre os condôminos. Cada bloco tem seu próprio ecossistema, com clima, fauna e flora particulares, elevando assim a definição de bem morar. Tempestades, lama, sangue, lágrimas, gelo e muito mais sabiamente dispostos em uma estética renascentista *avant-garde*. Além das metragens assombrosas e da certeza de vivenciar os extremos de conforto térmico e acústico, vale ressaltar que os murais da fachada foram pintados pelo promissor Sandro Botticelli e que as unidades premium são *pet friendly* e têm vista para fossos de tirar o fôlego.

Eu desafio você a encontrar alguma outra incorporadora que trabalhe com uma gama de materiais tão versáteis. Da fundação ao acabamento, a garantia é vitalícia. A Eternità sempre foi reconhecida por sua *expertise* em construções duráveis, mas este empreendimento possui o selo de qualidade Oficina do Diabo.

Ao contrário do que possa parecer, aqui sua mente nunca mais ficará vazia. Dê adeus às tediosas academias, aos salões de festas insípidos e à algazarra alegre das crianças no parquinho do seu condomínio terreno. Como a incorporadora disruptiva que somos, acreditamos que compreender a diversidade de públicos é a alma do negócio. Por isso, cada círculo dispõe de uma estrutura privativa de entretenimento – estações de luta livre, centros de carregamento de pedras, arco e flecha, remo em rios de lava, escalada em muralhas de fogo, hipismo com centauros, travessia de pântanos e muito mais. Isso sem contar os nossos pioneiros Espaços Barbiques, que ganharam diversos prêmios de design e sustentabilidade.

A esta profundidade você deve estar se perguntando o que fazer para garantir um lar a sete palmos. Pois é muito mais simples do que juntar a dantesca papelada das imobiliárias divinas. Este residencial foi pensado para ser a sua última casa e atender aos mais variados bolsos. Investimentos mais baratos do que um cafezinho: fraudar, roubar, trair, guardar rancor, matar, repetir a sobremesa... Esta é a sua jornada!

Faça como Judas, Brutus e Cássio e comece já a investir no seu futuro. Empreendimentos Eternità, o lar que você merece.

BLOQUEIO SIMPLES

Por Estela Rosa

MURO SINGOLO

Traduzione dell'articolo a pagina 84

Desde que nasceu, Beatriz olhava fixamente para a montanha de frente para a casa de seus pais. A casa, num trecho de geografia meio estranha, ficava abaixo do nível da rua, como se fosse um morro ao contrário. No fundo do barranco, a casa; no alto da rua, a montanha. Sua mãe dizia que sozinha, aos seis anos, Beatriz não podia subir lá. Era preciso companhia, uma guia, alguém com pernas mais longas e mãos mais firmes: sua irmã mais velha. Mas sua irmã, que tinha oito anos, não era como Beatriz. Já não se interessava mais por escaladas, trilhas e joelhos ralados de galho seco. Preferia as revistinhas de domingo e os jogos de vôlei no sábado de manhã. Sentada com tranquilidade de frente para a tela, passava horas assistindo ao duelo entre duas equipes enquanto preenchia quadradinhos de palavras cruzadas. Mas Beatriz não. Beatriz queria a montanha.

Beatriz uma vez ouviu um cantor dizendo que ele que não se sentava no trono de um apartamento e alguma coisa sobre ter um disco voador no alto de um cume calmo. Aquilo deixava Beatriz elétrica. Ela sabia: queria subir o cume calmo de frente para a varanda da casa de sua mãe, com discos voadores ou não. Ela se imaginava lá em cima firme e forte e grande. A montanha cheia de árvores secas com os gaviões atentos em busca de pequenos roedores no chão seco de inverno. Beatriz pensava:

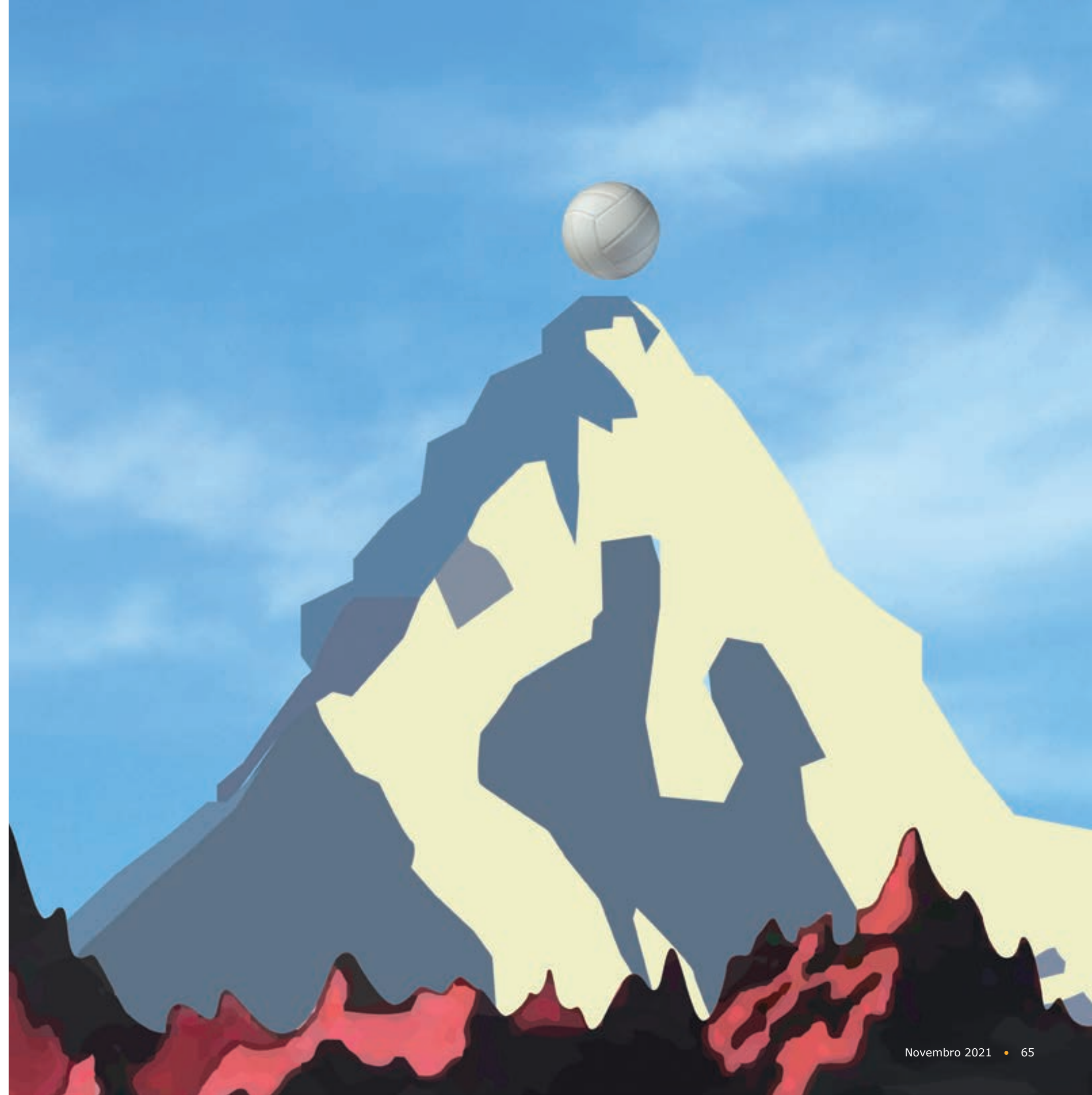
lugar que tem gavião é lugar bom. Tinha certeza de que um dia iria subir a montanha, ela calculava catar o estilingue e seu elástico de cabelo, encher a garrafinha d'água dos Power Rangers, calçar seu tênis Bamba herdado do primo e ir.

De algum jeito ela sabia que a montanha estava à espera. E ela cravada e emburrada naquele morro ao contrário. Com o cenho franzido de raiva de ainda ser pequena demais, contemplava feito um sábio chinês o que seria sua maior aventura. Beatriz sabia, ela sempre soube. Aquela montanha era seu paraíso e um paraíso está sempre à nossa espera. Ela também esperaria. Sua mãe dizia: aos oito, Beatriz, aos oito eu deixo.

Era essa a promessa da caminhada solitária pelo cume calmo da montanha à sua frente.

E assim passaram-se dias e semanas. Semanas e meses. Meses e dois anos.

Beatriz agora tem oito anos, seu tênis Bamba já não cabe mais em seus dedos longos, sua garrafinha dos Power Rangers está rachada e jogada no quintal. Beatriz agora gosta de revistinhas de domingo e partidas de vôlei aos sábados de manhã. Beatriz já não olha mais para aquela montanha porque seu paraíso agora é outro: Dante Amaral, ponta de rede da seleção brasileira, um gavião alçando voo com tal poder, até marcar o último ponto do último set contra a seleção russa de voleibol.





SONHAR COM MANUSCRITOS

Por Guilherme Conte

SOGNARE MANOSCRITTI
Traduzione dell'articolo a pagina 85

“Sono ateo, ma questo è un miracolo!” Os repórteres que entrevistaram o *professore* Cascino naquela tarde de 14 de maio até sentiram que a frase era boa; renderia algumas capas boas e seria a coroa do telejornal noturno. Mas nenhum dos presentes no anfiteatro, talvez nem mesmo o professor, imaginou a extensão do que veio a seguir. A frase, bem própria do espírito zombeteiro e preciso do professor, virou febre e foi repetida à exaustão: virou estampa de camiseta da prestigiosa marca Versace, foi pichada em muros pela Itália afora (e até no exterior), virou *hashtag* de *influencers* e celebridades, foi parar até na abertura da Copa.

Não era para menos. Coube ao professor naquela coletiva de imprensa confirmar a notícia que começava a correr o mundo em forma de boato: fora descoberto, na parede de um pequeno convento capuchinho na comuna de Monte Sant’Angelo, o que se confirmava ser o primeiro exemplar conhecido na história do manuscrito de “A Divina Comédia”, escrito pelo próprio punho do poeta florentino Dante Alighieri. Assim preenchia-se uma das maiores lacunas da história cultural do Ocidente — fruto de uma prosaica reforma por conta de uma troca de aliterações em um porão.

Era difícil discordar da avaliação do professor. O fato de que “A Divina Comédia” só chegara a nós por meio de cópias e versões foi a fonte de incontáveis especulações, debates e teses ao longo de mais de 700 anos, atravessando os séculos como uma flecha no tempo. Ter acesso

finalmente a um manuscrito sonhado por tanta gente em diferentes civilizações era sim um milagre.

Muitos, pelo planeta afora, enxergaram uma forte carga poética no fato de a descoberta ter sido feita pelo pedreiro Yunus, um refugiado etíope que atravessara o Mediterrâneo em um bote superlotado que por duas vezes quase afundou e, após ter a permanência negada em três países, terminou por se estabelecer na cidade italiana de Bari. “Um exilado, como o próprio Dante!”, declarou o papa, em viagem pelo norte do Líbano à época do anúncio. “Um exilado do capitalismo e da intolerância. Alguém que viveu o Inferno e que merece o Paraíso, como todas as pessoas de bom coração sobre a face desta Terra.”

Outros, certamente uma minoria, viram neste paralelismo de exílios um certo exagero no carregar de tintas, um clichê. Afinal de contas, que tanto teriam em comum um expatriado feito servente de pedreiro em uma nova terra e um poeta e político filho da burguesia florentina e envolvido nas grandes questões de seu tempo?

No fundo, talvez pouco importe se a balança pende mais para um lado ou para o outro. E, ademais, a vida acontece completamente incólume ao que pensemos sobre ela. Enquanto esse manuscrito não aparecer, só nos resta sonhar com ele e contemplar os mistérios que envolvem esta obra tão fundamental para quem somos enquanto espécie pensante, jogando luz sobre nós tal qual a Lua reflete o Sol, dia após dia, século após século.

E, vez por outra, quem sabe cometer uma crônica.

PRO INFERNO, AQUELE ABRAÇO

Por Deisiane Barbosa

ALL'INFERNO, AQUELE ABRAÇO
Traduzione dell'articolo a pagina 86

Disseram que dói mesmo, literalmente. Abre um lacerado agudo e, depois disso, destampar ferida em salmoura é o mínimo. Que eu não me ocupasse do calendário e esquecesse o vício de vigiar relógios, especialmente na tela do celular quieto. Que, aliás, o esquecesse de propósito, no cômodo mais deserto da casa. Mal sabem que, se eu manjasse da fórmula mágica esquecer-de-propósito, já estaria no céu há anos-luz.

Verbete número um: o inferno pode ser um mar gelado para onde escorrem prantos pela dor de ficar – por exemplo, desertificada; ou também pela dor de ir, sem bússolas, mapas, com a roupa do corpo. Verbete número dois: no inferno a cabeça lateja, sessenta segundos por minuto, cada espécie de memória bonita que agora é ardor irradiando pela boca do estômago. Verbete número três: em estado infernal, a gente sente que afunda e só; entra em desespero várias vezes ao dia; perde o sono, dorme mal e logo ao despertar, no primeiro segundo de consciência, percebe que ele ainda está – inabalável.

Disseram que dói e não mentiram. Ser deixada ao léu, o corpo lotado de afetos obsoletos, numa casa de recente agosto, ecoada de fantasmas: cava sim um lacerado grande, inflamável. Não há fugas cabíveis, não admite tapeação. Não adianta tentar, por exemplo, sair à varanda manhãzinha, um sol gelado e enquanto isso deixar sua dor dando um tempo no cabideiro do quarto. Por sorte, sempre fui dada às credulidades, desde criança, fés fervorosas, milagres, essas coisas, o olho chega brilhava ouvindo vovó dizer que era mesmo verdade: o tempo é curador.

Verbete número quatro: não é de bom tom recusar quando a dor no inferno tira a gente para dançar seu ritmo pisado, bem moído (ver: verbo “moer” – coisa que a dor adora). Verbete número cinco: não tem essa de pule-nove-casas-de-uma-vez,

chegue logo ao céu; no inferno, pode-se até inventar mil modos, mas o jeito é somente um: atravessar. E vai devagar, com medo mesmo, minha filha, vovó me diria. Se ficar insuportável, pode até pedir “dois altos”, pausa para um choro fundo e bem sonoro. Ainda, se lhe consola, olhe a fita do Bonfim esgarçando no seu braço, o tempo é um santo remédio. Verbete número seis: outros clichês sobre o assunto: a) tudo passa; b) inferno tem limite; c) tenha calma; d) a vida é assim mesmo, afinal.

Verbete número sete: tem de abraçar o inferno na maior coragem; tem de encarar o brilho laminado da dor e indagar com respeito: o que é mesmo que a senhora, tão generosamente, está querendo me ensinar? Mas, é bom que se saiba, a dor do inferno é bruta, cuidado, pega a gente de mão cheia e lança fundo ao mar gelado (ver verbete número um). Mas, sossegue, pois não mata. A gente até acha que se afoga no choro, mas também ensinaram: inspire em três, retenha em seis, libere em nove segundos o ar dos pulmões. Faça de novo e várias vezes, vá dobrando o tempo, até esquecer da agonia.

Finalmente, esta noite sonhei luminosidades – seria aquilo coisa celeste? Uma beleza alto-astral. Eu domava os desertos, tinha gente pela casa, eu até sorria, dançava o ritmo que bem queria. Quando me dei conta, procurei pela sala, corri no quarto, cozinha, abri armário, gavetas, estante, olhei na varanda, cadê? A dor havia zarpado. Ina-credi-tável! Voltei correndo, alteei a música, sapateei, sapateei tanto, ninguém entendeu foi nada, mas, “quem sabe de mim sou eu / aquele abraço”, o rádio seguiu nas alturas. Até que dormi de novo, acordei. Verbete número oito: é sorrateiro o limiar do inferno, surge quase de surpresa; cruzar enfim sua fronteira faz emergir toda leveza; alivia tudo – por dentro e por fora.





Há 75 anos
ensinando
e aprendendo
com quem tem
deficiência
visual.



No ano em que a **Fundação Dorina** completa **75 anos** de inclusão, temos o desafio de arrecadar **75 mil reais** para continuar transformando vidas e incluindo pessoas cegas e com baixa visão. Faça parte dessa história. Doe!

Doe em fdnc.org/75anos



João tem baixa visão e é atendido pela Fundação Dorina

DC

DANTECultural



LETTERA AL LETTORE

Il 2021 avrebbe dovuto essere un anno di molti festeggiamenti presenziali alla nostra Scuola. Dopotutto, i 700 anni dalla morte del nostro patrono e i 110 anni dalla fondazione dell'istituzione meritavano di essere celebrati in grande stile. La pandemia ci ha costretto ad adattare anche queste celebrazioni, cosa che, in principio, ci ha frustrato. Ma non appena abbiamo iniziato a sviluppare alternative e a creare eventi che potessero segnare questo anno così speciale per l'intera comunità dantiana, ci siamo rianimati: la grandezza dell'eredità di Dante Alighieri e la storia centenaria della nostra scuola hanno assicurato l'ispirazione per una serie di **iniziative culturali** create dal Marketing della Scuola, realizzate in collaborazione con altri dipartimenti e professionisti esterni, con il supporto e la partecipazione di dipendenti, insegnanti, studenti, madri e padri e, naturalmente, della nostra direzione esecutiva. Conosci tutte queste iniziative nell'articolo della pagina 8.

Questa edizione, tra l'altro, celebra anche questa doppia ricorrenza ed è divisa in due blocchi: il 110, a cui appartiene il testo appena citato e altri specificamente attinenti alla nostra Scuola, e il 700, che presenta contenuti legati all'eredità culturale di Dante Alighieri. Sempre nel blocco 110, si racconta la storia dell'**AEDA**, associazione di ex allievi con sede nella casa all'angolo tra *Alameda Jaú* e *Rua Peixoto Gomide*, che promuove eventi e offre corsi non solo per chi ha studiato alla Dante ma anche per chiunque sia interessato alla cultura italiana, poiché la missione dell'associazione è esaltarla e diffonderla.

Inoltre, in questa stessa parte della rivista, raccontiamo la storia del **direttivo** della Dante, ricordando l'importante ruolo che ogni direzione amministrativa dell'istituto ha avuto, sin dalla fondazione della Scuola — per mano del conte Rodolfo Crespi e di altri nomi influenti della colonia italiana di São Paulo — fino ad oggi, con la guida del dott. José Luiz Farina, attuale presidente.

Completano la sezione 110 due reportage fotografici: uno sugli oggetti che hanno segnato la nostra storia, curato dal nostro **Centro della Memoria**, e un altro sul nostro spazio fisico, con i **luoghi preferiti** di studenti, mamme, insegnanti e dipendenti.

Iniziamo il blocco 700 con una domanda che molti si pongono: **come leggere la Divina Commedia?** La professoressa Maria Cecilia Casini, specialista dell'opera dantesca, offre consigli a chi vuole intraprendere questo viaggio letterario. C'è anche un articolo sulla **ricerca** accademica attualmente condotta in Brasile sull'opera del poeta, che rafforza l'idea che la sua ricchezza è inesauribile e suscita ancora molte riflessioni. E ce n'è un altro in cui lo spirito pionieristico di Dante Alighieri viene esplicitato in una letteratura con componenti autobiografiche, come nella *Vita Nuova*, libro che ha preceduto la *Commedia*, collegando questo aspetto all'**autofinzione** presente nella letteratura contemporanea, che attira molti lettori.

Infine, abbiamo aperto la sezione **Spazio Aperto** a più collaboratori del solito, riunendo testi letterari e collage ispirati alla Divina Commedia. Ci auguriamo che abbiate, a ogni pagina, il piacere che abbiamo avuto nel produrre questo numero speciale.

Buona lettura!

FERNANDO HOMEM DE MONTES
PUBLISHER

Un anno da celebrare

Tradizione e contemporaneità si incontrano nelle celebrazioni del 110/700

Di Elena Wesley



I suoi occhi seguono tutto ciò che accade nei corridoi. Lui conosce dal dipendente più anziano allo studente appena iscritto. Presente nella vita quotidiana della scuola tramite statue e dipinti, Dante Alighieri è ben lungi dall'essere solo un antico pensatore omaggiato sui muri. Nell'anno in cui si compiono i 700 anni dalla sua morte, l'eredità del patrono della nostra Scuola rimane attuale.

Quando un gruppo di persone ha cercato di raccogliere, 110 anni fa, le firme necessarie per erigere queste strutture, si sapeva già che Dante Alighieri sarebbe stato un'ispirazione capace di superare i cambi generazionali. Già nel XIV secolo, lo scrittore, filosofo e politico rivendicava il riconoscimento della lingua parlata dal popolo, così diversa da quella presente nei libri a cui la popolazione comune non poteva accedere. Nel 2021, sono ancora importanti discussioni come l'accesso universale alla lettura e la riduzione delle disuguaglianze sociali.

Così, con la doppia festa del 110/700, l'ispirazione alla contemporaneità di Dante, uomo ante litteram, serve a incoraggiare ancora più generazioni ad attingere da questa fonte. Durante tutto l'anno, nuovi linguaggi stanno raccontando il suo questionare delle ingiustizie e la valorizzazione delle nostre radici.

La trama delle celebrazioni dell'anniversario della scuola e del 700° anniversario

sario della morte del nostro patrono si sta sviluppando dentro e fuori dalle aule. Oltre alle attività didattiche svolte con i gruppi, l'Ufficio Marketing ha organizzato iniziative culturali che coniugano tradizione e modernità. E un progetto artistico iniziato nel 2011, quando la scuola ha compiuto il suo centenario, attraverso il Consiglio Direttivo, ha guadagnato una nuova fase.

"Pensavamo già da tempo alle celebrazioni dei 110 anni della Scuola, e il nostro programma prevedeva, ovviamente, diversi eventi con la presenza del pubblico. La prima sensazione che abbiamo avuto quando ci siamo resi conto che ciò non sarebbe stato possibile è stata la delusione, perché festeggiare con gioia e tante persone è parte della nostra italianità", afferma Fernando Homem de Montes, Responsabile Marketing e Relazioni Istituzionali. "Ma penso che abbiamo escogitato alcune idee davvero interessanti per festeggiare in sicurezza. È stato un lavoro di squadra, che ha riunito non solo il personale del Marketing, ma anche persone di altri settori della scuola. E questa unione, alla ricerca di soluzioni, è stata molto piacevole", aggiunge.

"Abbiamo pensato ad artisti che potessero portare qualcosa di ricco e diverso, per rompere lo stereotipo che ciò che è tradizionale è vecchio o retrogrado. La Dante conserva i valori tradizionali, ma è pioniere

della tecnologia ed è in sintonia con ciò che sta accadendo nella società. Queste attività traducono questo atteggiamento", afferma l'organizzatore Adriano De Luca, supervisore dell'Ufficio Marketing.

Più che combinare il vecchio e il nuovo, il programma va oltre le mura della scuola. Nonostante la sfida di adattare gli eventi all'ambiente virtuale o a prova di coronavirus, le attività non sono limitate alla comunità scolastica, ma intendono avere un impatto anche su coloro che non sono legati alla Dante.

"Abbiamo lavorato insieme per raggiungere i gruppi in situazione di vulnerabilità sociale, in modo che l'eredità sia del poeta che dell'istituzione educativa sia accessibile alle persone. La grande eredità di Dante per la cultura, la filosofia e la civiltà ha a che fare con questo", sottolinea Adriano.

Le iniziative collegano le risorse della nostra era agli insegnamenti del passato, stimolando riflessioni affinché il patrono scolpito e illustrato nei cortili e nei corridoi della Dante possa osservare tempi migliori in un futuro prossimo.

L'eredità di Dante in spray e colori

Chiunque vada al quartiere Vila Mariana deve essersi già imbattuto nei graffiti di una ragazza con il dito nel naso. L'irriverente autoritratto è creazione di Clara Leff, un'artista di 24 anni che spesso rappresenta le donne nelle sue creazioni. Da cinque anni nell'arte, Clara ha dipinto altri pannelli nella città di San Paolo, ma anche in Portogallo e negli Stati Uniti e,



ora, lascia il suo segno anche alla Scuola Dante Alighieri in due ambienti: nel cortile interno e nell'area esterna.

"Le mie donne hanno sempre la pelle color turchese, sono quasi come fate, sirene e altre rappresentazioni di figure mitologiche. Credo che in tutte le donne ci sia davvero questa energia delle dee, quindi cerco di rappresentarle a contatto con la natura. Questo la dice lunga sul mio lavoro, che in realtà è un grande percorso di autoconoscenza, sono io che cerco di trovare la mia energia", spiega Clara.

Il primo intervento è stato effettuato ad agosto. Per cinque giorni, Clara ha dedicato cinque ore di tempo a raccontare l'eredità del poeta e scrittore con il linguaggio caratteristico del suo lavoro: figure femminili che reggono sorgenti luminose.

"Nel cortile volevano un dipinto che rappresentasse la tecnologia, la scuola e l'apprendimento, così ho avuto l'idea di far uscire la luce da un libro. Ho pensato che fosse meglio che fare qualcosa di molto ovvio, è diventato un po' più mistico. È stato molto piacevole per me avere uno scambio con gli studenti, che erano tutti curiosi", racconta.

Il passo successivo è stato quello di rappresentare Dante stesso nell'area esterna. I due lavori sono stati realizzati in spray, tecnica maggiormente utilizzata da Clara, tuttavia l'ultima parte è stata realizzata presso lo studio dell'artista così che, in seguito, il pannello potesse essere installato alla Scuola, a settembre.

"Il pannello si trova su un muro dove passano molti cavi, non sarei riuscita a usare una scala. Così l'ho prodotto in studio per installarlo dopo. Di solito non ritraggo uomini, ma Dante è un grande maestro. È un ritratto di lui che tiene in mano una luce".

Dante accessibile a tutti

Riaffermare l'importanza di Dante Alighieri per la cultura italiana e occidentale è parte della nostra quotidianità. Tuttavia, nelle celebrazioni del 110/700, il contributo dell'autore ha superato i confini del Jardim Paulista. Attraverso il progetto *Olhos Coloridos*, l'insegnante Eliane Almeida realizzerà uno scambio tra studenti della Dante e ragazzi assistiti dalla *Fundação Julita*, istituzione che promuove azioni socio-educative a sostegno di bambini, ragazzi e famiglie in situazioni di vulnerabilità sociale.

L'iniziativa mira a rendere la scrittura un processo piacevole e creativo. Inizia con una riflessione sulla realtà della persona e sfocia nell'illustrazione con foto realizzate con il cellulare. L'idea è quella di



produrre un libro che racconti il processo con questi testi e immagini, composto dalle esperienze di scrittura e letteratura di ciascuno dei gruppi di partecipanti.

Giornalista e dottoranda in cambiamento sociale e partecipazione politica presso la *Escola de Artes, Ciências e Humanidades* dell'Università di São Paulo (EACH/ USP), Eliane aspettava l'opportunità di togliere il progetto dal cassetto e ora celebra l'esperienza di rafforzare con bambini e adolescenti quanto può essere divertente il processo di scrittura, specialmente avendo lo scrittore italiano come riferimento.

"La vita di Dante Alighieri funge da ispirazione per il comportamento degli studenti durante il processo. Leggendo la biografia di Dante, ci rendiamo conto che era una persona che osservava il suo mondo e scriveva su di esso. Pur non potendo vivere pienamente il suo amore, ne scrive. È una personalità da seguire", analizza Eliane.

Il workshop prevede incontri presenziali presso la Dante e la Fondazione, in modo che tutti i partecipanti possano vivere l'esperienza in entrambi gli ambienti.

Samba dantiano

Quando ha scritto la *Divina Commedia* in dialetto toscano, Dante Alighieri ha reso esplicito il suo messaggio: bisognava riconoscere la rilevanza della lingua parlata dal popolo. Sei secoli dopo, Adoniran Barbosa ha seguito un percorso simile. Nelle sue canzoni, il compositore ha ritratto situazioni della quotidianità popolare e il vocabolario della gente semplice che lo

circondava, come sentiamo nelle canzoni "*Saudosa Maloca*" e "*Samba do Arnesto*", entrambe scritte negli anni Cinquanta.

Il cantante ha seguito la stessa regola quando ha scritto "Samba Italiano", nel 1963, aggiungendo, però, le sue radici italiane. Nel genere di cui è sempre stato appassionato, il figlio degli immigrati Francesco Ferdinando ed Emma Rubinato ha mescolato portoghese e italiano e ha messo in risalto con irriverenza la diversità culturale che ha contribuito a costruire la San Paolo dove è cresciuto.

Sulla base di questa storia, il Dipartimento di Musica della Scuola ha creato una "*roda de samba*" per celebrare il 110° anniversario della scuola e il 700° anniversario della morte dello scrittore e poeta Dante Alighieri. Il team ha preparato l'arrangiamento e le partiture con gli accordi e la melodia per gli strumentisti. Tra i membri, c'erano collaboratori di diversi dipartimenti della Scuola. L'assistente disciplinare Eder Silva era uno di loro. Musicista fin dall'adolescenza, Eder suona batteria, chitarra acustica, chitarra elettrica e contrabbasso, e con quest'ultimo ha contribuito alla performance.

"Suono tutti i fine settimana in chiesa, ma è stato un onore partecipare a questo evento. Ha segnato non solo me, ma l'intero gruppo. È un privilegio vedere che il risultato è piaciuto a così tante persone", celebra Eder, che lavora alla Scuola da quasi quattro anni.

Per ottenere le lodi del pubblico, musicisti e cantanti hanno studiato l'arrangiamento a casa prima di incontrarsi nell'auditorium. Le registrazioni sono

{IN ITALIANO}

iniziate con gli strumenti, uno alla volta e poi tutti insieme, con la dovuta distanza, per evitare il rischio di contaminazione da coronavirus. Poi è stata la volta delle voci maschili e femminili, anch'esse prima separate e poi messe insieme, in modo che le registrazioni avessero una qualità da studio per le fasi di editing e missaggio.

“Durante le registrazioni ci siamo resi conto di quanto la musica unisce, rallegra, del ruolo della musica all'interno della comunità. Tutti hanno potuto condividere le proprie idee e aggiungere elementi all'arrangiamento. E il video è stata la ciliegina sulla torta, no?”, ricorda la coordinatrice del Dipartimento di Musica, Gabriela Vasconcelos. Il video a cui fa riferimento è disponibile sul canale YouTube della Dante.

Il paradiso sui muri della Dante

Lasciare il suo segno sui muri della Dante era un vecchio sogno. Negli anni Settanta, i muri facevano parte della sua routine come studente della Scuola. La realizzazione è arrivata nel 2011, quando Claudio Canato ha fatto il suo primo murales, su richiesta del Consiglio Direttivo, per le celebrazioni del centenario della scuola. La produzione è andata avanti negli anni successivi con altri due murales, finché adesso, in occasione dei festeggiamenti del 110/700, il pittore torna per il suo gran finale: il quarto murales tratto dalla *Divina Commedia*.

Sebbene si occupi di direzione artistica



e illustrazioni da quasi 40 anni, Canato si commuove ancora con l'opportunità di dipingere un'altra volta nel luogo in cui è stato stimolato il suo sogno di essere un artista. “Dopo sei anni torno nel luogo che si trova davanti al primo murales della *Divina Commedia*”, ricorda.

Situati all'ingresso principale dell'edificio e misurando 32 metri quadri, i primi due murales raffigurano l'Inferno e il Purgatorio. La prima parte è stata prodotta tra il 2010 e il 2011; la seconda,

l'anno successivo. Nel 2014 e nel 2015, Claudio si è dedicato a un terzo murales, in cui ha rappresentato il Paradiso. Con il completamento del quarto murales entro la fine dell'anno, la Dante avrà uno dei dipinti più grandi al mondo sul classico italiano, misurando quasi 100 metri quadri.

Per concludere l'opera, Canato ha scelto di raffigurare l'ultimo viaggio di Dante, quando il personaggio ascende al punto più alto del cielo, l'Empireo, che darà il nome al dipinto. E se la missione è ritrarre il divino, l'artista punta su tecniche quasi sacre. È a partire dal rapporto aureo, noto anche come numero di Dio, che Canato unisce diversi rettangoli aurei in una spirale. “Ho usato la spirale aurea come cammino che porta a Dio”, aggiunge.

Un posto speciale



Chi studia, ha studiato o lavora alla Dante di solito ha un rapporto affettivo con il nostro spazio fisico. E il periodo di isolamento sociale ha suscitato in molte persone la nostalgia della Scuola. Il ritorno alle attività quotidiane presenziali nell'agosto 2021 ha rianimato studenti, madri, insegnanti e dipendenti. Per registrare questa gioia e celebrare i 110 anni dell'istituzione, abbiamo chiesto alle persone della comunità dantiana quali fossero i loro posti preferiti nella Scuola.

Di Marcella Chartier
Foto: Arthur Fujii



Prof.ssa Márcia Nogueira, assistente della direzione — dal 1° al 4° anno delle elementari: “Penso che il corridoio simboleggi l'ingresso delle persone in questa scuola, lo considero molto speciale. Questo corridoio, per me, è una cosa storica, con queste grandi finestre, questo pavimento secolare, questi bei lampadari e i dipinti di scene della *Divina Commedia*, opera del nostro patrono, sulle pareti. Tornare alla Dante dopo il più ristretto periodo di isolamento sociale è stata un'emozione incredibile”.



Andrea Forte, madre di una studentessa ed ex studentessa: “Ho scelto questo posto perché è dove ho studiato nel mio ultimo anno qui, nel 1991, terzo liceo — sono 30 anni da quando ho conseguito il diploma. E ho studiato qui anche alle elementari, ho avuto una maestra molto simpatica.

Mio figlio è la quarta generazione della mia famiglia che studia qui. La Dante è un'estensione della nostra casa, ho un grande affetto per questa scuola”.



Arthur Fujii, videomaker, reparto di Marketing: “Il FAB Dante è un posto in cui mi sento molto a mio agio perché anche se non ho esperienza in elettronica, meccanica o qualsiasi altra area orientata alla scienza, mi piace molto curiosare — sin da piccolo smontavo le cose per vedere com'erano dentro. Quindi vedere cavi, strumenti, cose che possono essere usate per costruire qualcosa mi fa pensare che questo posto sia davvero fantastico”.



Anna Luzzati, 2ª elementare: “Mi piace l'aula perché ci sono tanti giocattoli, ci sono libri che non ho in casa... Perché ci sono tanti cartellini con le lettere per farci imparare l'alfabeto, e perché l'insegnante non ci fa vedere le cose sui libri così (come nell'insegnamento online), ce le mostra lì su quella lavagna grande”.



Giulia Luzzati, 4ª elementare: “È il mio posto preferito perché è molto bello, ci si gioca, ci si diverte con gli amici... Ricordo che venivo qui e portavo giocattoli e costumi”.



Prof.ssa Marília Negrini, coordinatrice del dipartimento di inglese: “Ho scelto l'aula come il mio luogo preferito perché è dove ho trascorso la maggior parte del mio tempo, dove sono stata tutti i giorni durante il mio lavoro qui: questo è il mio trentesimo anno alla Dante. È stato in aula che ho avuto l'opportunità di socializzare e interagire con molti studenti, un grande piacere, e per me questa è l'essenza del lavoro dell'insegnante”.



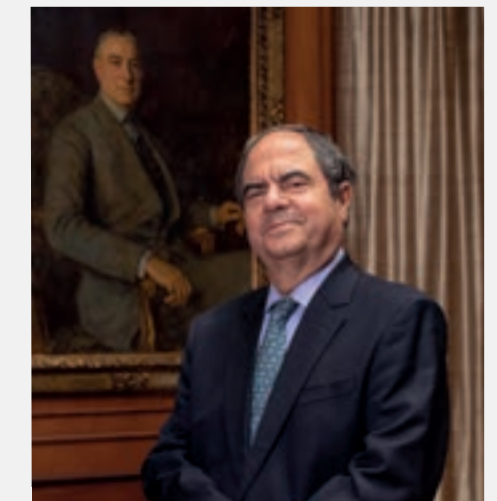
Maria Regina Torre, segretaria della presidenza: “Mi piace molto l'ingresso

principale di questa scuola e soprattutto questo bel giardino. Vedo dalla finestra del mio soggiorno gli uccelli, i fiori, il tempo... Sono 46 anni che lavoro alla Dante, 35 che guardo questo giardino”.



Mirella Zanotta, 7ª elementare: “Fin da piccola vengo sempre qui, ho un grande amore per gli animali e mi è sempre piaciuto sapere di più sugli esseri viventi e ampliare la conoscenza sul nostro mondo. Quando siamo tornati a scuola, sono venuta qui con i miei amici ed ero molto felice di poter essere di nuovo al museo, è stata una visita speciale”.

Da Crespi a Farina



Nel corso dei suoi 110 anni, rappresentanti devoti della comunità italiana di San Paolo sono passati dalla Direzione Esecutiva della Dante, con funzioni amministrative trasmesse in famiglie per generazioni.

Primo presidente dell'ex società fondatrice dell' "Istituto Medio Ítalo Brasileiro Dante Alighieri", nel luglio 1911, il conte Rodolfo Crespi era noto per essere un uomo pratico, "che non rimandava a domani quello che poteva fare subito". Questa notevole caratteristica della personalità del conte è evidenziata dal nipote, Silvio Crespi, vicedirettore della Scuola. Pur non avendo conosciuto suo nonno, Crespi ha sempre ascoltato con molta attenzione le storie su di lui, uno dei grandi imprenditori della San Paolo dell'inizio del Novecento, soprattutto quelle legate al suo attaccamento all'Italia e alla cultura italiana. Il vicedirettore fa notare che, appena saputo dal funzionario del Ministero della Pubblica Istruzione Arturo Magnocavallo dell'intenzione del governo italiano di creare, a San Paolo, una scuola per i figli degli immigrati, Rodolfo Crespi si è adoperato per realizzare l'idea. "Mio nonno è riuscito a riunire un gruppo di donatori per finanziare il progetto e poi ha accompagnato personalmente l'acquisto del terreno e la costruzione dell'edificio scolastico". Dopo l'inaugurazione, il conte ha diretto la Scuola fino a poco prima della sua morte nel 1938, ed è stato nominato, postumamente, Presidente Onorario Perpetuo del Consiglio di Amministrazione.

Ripercorrendo il percorso di 110 anni della Scuola, il cui avvio è stato dato da Crespi e da altri eminenti rappresentanti della comunità italiana di San Paolo – comprese le famiglie Puglisi, Carbone e Matarazzo –, l'attuale presidente, José Luiz Farina, che dal 2014 dirige la Dante, sottolinea che il rispetto delle antiche tradizioni e il profilo umanistico – marchi che hanno fatto della Dante Alighieri un simbolo dell'educazione a San Paolo – convivono da sempre armoniosamente con altre caratteristiche essenziali che hanno reso la Scuola un'istituzione sempre ante litteram. "Una di queste caratteristiche è stato il pionierismo nell'accettare le ragazze, che studiavano con i ragazzi in classi miste. Solo il collegio era riservato agli studenti maschi", sottolinea Farina.

Seconda Guerra

Dopo la morte di Crespi e un periodo di tre anni in cui la Scuola è stata amministrata da un consiglio formato da nove membri, Fábio da Silva Prado ne ha assunto la direzione nel 1942, con l'onere di condurre la Dante a una profonda trasformazione imposta dalla guerra. La Scuola è stata costretta a sopprimere lo



studio dell'italiano e perfino a cambiare nome, iniziando a chiamarsi *Visconde di São Leopoldo*, sanzioni che sono rimaste in vigore fino al 1946. Dopo questo periodo, i presidenti Miro Noschese e Ziro Ramenzoni sono stati incaricati di ristabilire il legame della scuola con l'Italia.

Dal 1954 al 1985, la Dante è stata sotto la direzione di Francisco Parente. È stato il mandato più lungo alla guida del Consiglio in 110 anni. "Mio padre era davvero orgoglioso di far parte della Scuola e portava il nome della Dante ovunque andasse", dice suo figlio, Francisco Parente Júnior, Direttore-Segretario dell'istituzione. Sotto la guida di Parente, la scuola ha subito un importante ampliamento, con la costruzione degli edifici Ruy Barbosa, Galileo Galilei e Victório Américo Fontana. La struttura fisica della Scuola ha continuato a crescere sotto la gestione di Francisco Ranieri, tra il 1987 e il 1996. "È stato un visionario e ha guidato, tra le altre miglione, la costruzione dell'edificio Michelangelo, l'unico del complesso con un piano interrato per posti auto, e ha iniziato l'investimento nell'informatica", ricorda suo figlio, João Ranieri, Direttore Finanziario.

Una delle famiglie che hanno contribuito a rendere possibile la fondazione della Scuola, i Matarazzo hanno lasciato il suo segno anche all'amministrazione: Giannicola e Giannandrea Matarazzo hanno presieduto il Consiglio, rispettivamente, dal 1985 al 1987 e dal 1996 al 1999. "I due hanno focalizzato la loro gestione sul mantenimento della Dante in prima linea nell'istruzione di alto livello, investendo sulla qualità dei

contenuti curriculari offerti e sulla tecnologia", sottolinea l'imprenditore Andrea Matarazzo, nipote di Giannicola e figlio di Giannandrea. "Mio padre ha creato il Museo di Storia Naturale", ricorda.

All'inizio degli anni 2000, sotto la direzione di Guglielmo Falzoni, la Dante ha iniziato a offrire il Curso Maternal (oggi *Maternal 2*), sfruttando la struttura e l'ubicazione del nuovo edificio Michelangelo, che consentiva l'accesso separato per i più piccoli attraverso Viale Casa Branca. Il suo successore, Marco Formicola, che ha diretto la Scuola tra il 2003 e il 2008, ha continuato a proporre questo corso, implementando quello che oggi è il *Maternal 1*. "Mio padre ha creato il corso con grande affetto. Era qualcosa di cui era molto orgoglioso, poiché lo ha lasciato in eredità alle generazioni future, completando il curriculum offerto dalla Dante", ricorda il figlio, l'imprenditore Marco Antonio Formicola. La direzione del padre è spesso ricordata dai dantiani anche per aver lanciato la rivista Dante Cultural.

Il successivo presidente, José de Oliveira Messina, il cui mandato è durato dal 2008 al 2014, è stato responsabile dell'or-



ganizzazione dei festeggiamenti legati al centenario della Scuola, che hanno avuto enormi ripercussioni. "Oltre a essere un democratico, a cui piaceva condividere le sue decisioni, mio padre aveva una forte cultura umanista", ricorda l'imprenditore José de Lorenzo Messina. "È stata questa visione che lo ha ispirato a iniziare i dipinti dell'artista Claudio Canato raffiguranti 'La Divina Commedia' sui muri del palazzo Leonardo da Vinci", sottolinea.

Per l'attuale Presidente, José Luiz Farina, il futuro del Collegio passa dal miglioramento della formazione biculturale, in lingua inglese e italiana, che consente agli studenti di accedere a corsi di laurea presso università americane e italiane. "Come vicepresidente del dott. Messina, sono orgoglioso di aver iniziato la High School e, successivamente, già nella mia gestione, di aver perfezionato il curriculum italiano, in modo da iniziare il processo necessario per ottenere la parità dal governo italiano", sottolinea Farina. Secondo il presidente, la Scuola deve sempre migliorare, ma senza perdere la sua caratteristica principale, che è la "professionalità con amore". "La Dante non è un sistema educativo, è una scuola. Qui gli studenti imparano a essere cittadini, ed è questo che fa la differenza", sottolinea Farina.

Dalla Dante Alighieri usciranno



Gli ex allievi frequentano corsi ed eventi presso l'AEDA, associazione vicina alla Scuola il cui ruolo principale è quello di coltivare e diffondere la cultura italiana
Di Luisa Alcantara e Silva



"Lavoro duramente per avvicinare l'AEDA agli studenti, in modo che la Scuola sia la loro porta d'accesso all'AEDA", dice Alfio Paglia, presidente dell'associazione

"Mantenere accesi i principi e le tradizioni della Scuola Dante Alighieri." Così lo statuto dell'AEDA (Associazione degli Ex Allievi della Scuola Dante Alighieri) definisce l'obiettivo dell'istituzione. Il documento è molto chiaro nello spiegare come "mantenerli accesi": incentivando, attraverso "manifestazioni sociali, sportive e culturali, oltre al miglioramento della lingua madre e alla diffusione della lingua e della cultura italiana, il rapporto tra gli associati".

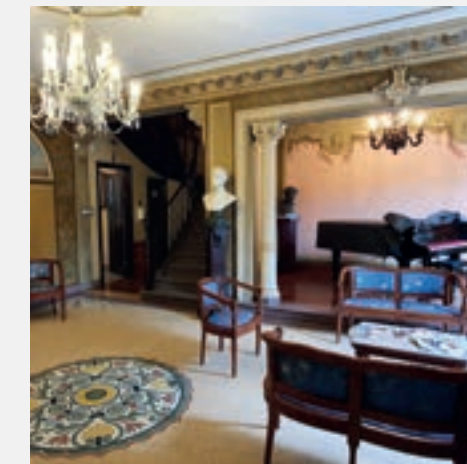
Questa è una missione che l'associazione porta avanti sin dall'agosto 1930, quando è stata fondata. Con cinque dipendenti, dieci direttori e circa 150 soci contribuenti, l'AEDA è uno dei principali centri di diffusione della cultura italiana in Brasile. Non è necessario essere un ex allievo della Dante per partecipare alla maggior parte delle attività dell'associazione. Nella sua sede, in un angolo di fronte alla Scuola, oltre ai corsi di italiano e inglese, vengono offerti svariati corsi di musica, come di pianoforte, di chitarra acustica, chitarra elettrica e di canto, oltre a corsi di scacchi, di acquerello, di scrittura e di gastronomia, tra gli



altri. Attualmente, frequentano i corsi aperti e di lingua circa 350 studenti (tra associati e non associati).

Ma non solo corsi. Per compiere il suo ruolo, l'AEDA organizza anche eventi, sempre con l'obiettivo di avvicinare gli ex allievi. Per questo motivo il medico 62enne Alfio Paglia, che ora è a capo dell'associazione, si impegna affinché gli attuali studenti la conoscano. "Lavoro molto perché ci sia più vicinanza tra l'AEDA e gli studenti, in modo che la Scuola sia per loro la porta d'ingresso all'AEDA", dice Paglia.

Uno degli eventi di maggior successo è il *Pasta & Simpatia*, che si tiene da oltre dieci anni. Mensile, e sospesa a causa della



pandemia, la cena riunisce ex allievi, attuali allievi e soci dell'AEDA per una serata di pasta e buon vino. Ma ci sono anche pranzi, vernissage, presentazioni di libri e conferenze su temi che spaziano dal turismo all'economia. L'idea, secondo il presidente, è quella di rafforzare il lato culturale dell'associazione e, in questo modo, far sì che gli ex allievi "vedano nell'AEDA la memoria della Scuola".

Anche per favorire l'ingresso di nuovi soci, l'associazione invia ogni anno le tessere degli ex allievi ai diplomati delle superiori. "Oggi mi rendo conto che ci sono molti più studenti che sanno cos'è l'AEDA rispetto a qualche anno fa", sostiene il presidente.

Anche la necessità di conoscere l'italiano in determinate situazioni per ottenere un visto attrae molte persone ai corsi. "Abbiamo una tradizione molto forte nel campo dell'insegnamento", dice. Infatti, è stato durante la pandemia che l'AEDA ha iniziato a offrire corsi online. "Attualmente, la maggior parte dei nostri studenti segue lezioni virtuali. È stata un'ottima iniziativa da parte nostra proporre questa opzione".

I membri godono anche di una serie di vantaggi, come sconti in ristoranti e negozi e biglietti a metà prezzo nei teatri.

Vicini

Sia i corsi che gli eventi si tengono presso la sede dell'istituzione, all'angolo tra Alameda Jaú e Rua Peixoto Gomide, dove l'AEDA funziona dalla metà degli anni 90. La casa a tre piani apparteneva alla famiglia Zarzur, tutti ex allievi della Dante, e non potrebbe essere situata in una posizione migliore. "Questa sede è stata una delle più grandi conquiste dell'associazione, poiché vogliamo essere sempre vicini alla Dante", afferma Paglia.

La casa continua ad essere adattata e ristrutturata per accogliere le novità. L'anno scorso, ad esempio, è stato inaugurato un reparto denominato Centro Culturale Paolo Fabbriziani, con sale da musica attrezzate con strumenti e uno spazio di convivenza. E la Scuola partecipa attivamente ai processi di miglioramento dell'istituzione, donando attrezzature informatiche e realizzando lavori, sia di verniciatura che di riparazioni idrauliche, il che è possibile solo perché la sede appartiene all'AEDA. Tra i primi indirizzi dell'istituzione ci sono la Rua do Carmo, Rua Direita e Rua São Bento, nell'edificio Martinelli, nel centro di San Paolo.

Un'altra curiosità è che, all'inizio della sua storia, l'associazione si chiamava IMDA (Società degli Ex Allievi dell'Istituto Medio Dante Alighieri) e ha adottato il nome attuale solo nel 1959, dopo 18 anni di attività sospese a causa della Seconda guerra mondiale. Secondo Paglia, visto che non ha mai cessato di esistere, l'AEDA può essere considerata una delle più antiche associazioni di ex allievi del Brasile. Sono ormai 91 anni di storia, solo 19 anni in meno rispetto alla Dante.

Da ex allievi a ex allievi

Come tutti i presidenti che hanno occupato la carica in cui è oggi – come stabilito dallo statuto – anche Paglia è un ex allievo della Dante. Ha studiato alla Scuola dall'asilo al liceo, dal 1965 al 1976.

Per la famiglia di Paglia, essere alla Dante era un modo di avere legami con l'Italia, poiché i suoi genitori erano immigrati dalla Basilicata, nel sud del paese di Dante Alighieri – il padre era di Lavello, la madre di Atella. "Mio padre aveva uno zio che viveva in Brasile fin dalle prime ondate di immigrazione italiana, ed è stato lui a fare da mediatore all'arrivo dei miei nel 1949, poco dopo la Seconda guerra mondiale", racconta il presidente, che ha due figli, anche loro ex allievi della Scuola.

Sempre con forti rapporti con l'Italia, Paglia è stato direttore dell'AEDA per tre mandati consecutivi a partire dal 2008 e,



nel 2017, ha assunto la carica più alta (sia il presidente che i direttori sono volontari).

All'epoca Paglia aveva 58 anni ed era il presidente più giovane sin dalla fondazione dell'associazione. In quattro anni ha riformulato il proprio organico e, oggi, è il membro più anziano della direzione. "Ho voluto portare persone più giovani, con nuove idee e molta energia per lavorare", dice. Dopotutto, per l'AEDA ogni energia è benvenuta, in modo che possa continuare a compiere il suo importante ruolo nella società.

700

Un viaggio umano

La professoressa Maria Cecilia Casini, esperta di Dante Alighieri, dà consigli su come possiamo intraprendere, insieme a Dante, il suo viaggio

Di Ana Júlia de Paiva Gennari

Anche a distanza di più di 500 anni dalla sua uscita, il grande viaggio di Dante attraverso le valli ombrose per raggiungere il Paradiso – ricco di contrasti e avventure – rimane vivo, attuale ed estremamente rilevante. Non per caso, è servito da ispirazione ed è stato citato in numerose narrazioni della letteratura contemporanea, oltre ad avere adattamenti in diversi formati rivolti ad adulti, bambini e giovani.

La *Divina Commedia*, scritta originariamente in dialetto fiorentino, si è consolidata, secondo molti specialisti, come l'inizio dell'Umanesimo. "Dopo Dante sono venuti Petrarca, Boccaccio, tra gli altri, ma lui è il primo. La sua prospettiva è ancora teologica in un certo senso; voglio dire, fa un viaggio nel regno dei morti che esiste solo perché esiste Dio. Ma la discussione sulle pas-

sioni umane e sul mondo degli umani è tutta presente nella *Commedia*", dice il professor Sergio Mauro, che ha ottenuto un master in lingua e letteratura italiana presso l'Università di San Paolo (USP).

Ma come si inizia a esplorare quest'opera secolare? La trama rimanda a qualcosa di difficile, complesso e spaventoso per la sua grandezza, il che può allontanare i lettori. Per la specialista di Dante Alighieri, Maria Cecilia Casini, non è così difficile intraprendere con Dante il suo viaggio, ma ci vuole coraggio per immergersi nel libro ed empatia per condividere i sentimenti dei personaggi. Laureata in Lettere presso l'Università degli Studi di Firenze, ha conseguito un dottorato di ricerca in Teoria letteraria e letterature comparate presso la USP e un post-dottorato presso l'Università di Napoli "L'Orientale". Insegna Lingua e Letteratura Italiana presso il Dipartimento di Lettere Moderne della Facoltà di Filosofia, Lettere e Scienze Umane (FFLCH) dell'USP. Ecco l'intervista che ha rilasciato alla DC.

DC: Che cosa bisogna sapere prima di iniziare a leggere la *Divina Commedia*?

Prof.ssa Maria Cecilia Casini: La *Divina Commedia* è certamente, diciamo, una di quelle opere universali che appartengono alla categoria suprema delle opere dell'ingegno umano. Ma cosa sarebbe necessario sapere? Bene, da un punto di vista strettamente erudito, direi che Dante racchiude in sé tutta la conoscenza delle opere letterarie, poetiche, teologiche, filosofiche e artistiche realizzate in lingua latina e greca che lo hanno preceduto. Sarebbe interessante, in questo senso, conoscere alcuni di questi riferimenti, come i testi della Bibbia, sapere chi è Virgilio e soprattutto l'*Eneide*, conoscere Omero e Aristotele... Ma tutto ciò non è strettamente necessario! L'importante è intraprendere con coraggio il suo viaggio, preparandosi ad affrontare qualunque cosa accada, condividendo con Dante – in modo autoriale – un viaggio che è, appunto, la vita stessa. Il mio consiglio più grande, quindi, è non aver paura della grandezza della *Divina Commedia* e di Dante. Fare attenzione alla natura, perché l'opera è anche la rappresentazione della natura in tutta la sua ricchezza e particolarità. Fare attenzione alla natura umana del nostro intimo, alle emozioni e ai confronti con i nostri difetti, nonché alla natura degli animali, delle piante e del divino, considerando l'essere umano una creatura di un creatore. E, infine, essere consapevoli che l'opera rappresenta una pietra miliare

per via dell'incontro che promuove tra l'antica cultura classica e la cultura contemporanea e moderna di Dante – cioè, quella dell'Europa medievale –, incontro che va inteso come un legame tra ciò che l'essere umano era prima del nascita di Cristo, secondo la visione di Dante, e ciò che è diventato dopo.

DC: Come iniziare a leggere un libro così denso? Hai qualche consiglio?

Prof.ssa MCC: Non credo ci sia un modo migliore di un altro per iniziare, non esiste una ricetta pronta. Ma, tornando al mio intervento precedente, bisogna innanzitutto mettere da parte la paura di un grande classico. Essendo pratica, potrebbe essere utile e ancora più interessante iniziare leggendo alcuni degli episodi e dei testi più famosi della *Divina Commedia*. Mi riferisco a quei brani che non sono più ristretti alla conoscenza degli specialisti e che hanno illustrazioni – a proposito, ricorrere alle immagini può essere utile per integrare l'intelletto all'immaginazione. Sono testi come quelli su Ulisse, Francesca, l'Inferno e alcuni personaggi del Purgatorio, come Casella, Frate Alberigo dei Manfredi e San Bernardo. Ma direi che, avvicinandosi all'opera, ognuno può scoprire il modo migliore per godersele appieno.

DC: Pensando a chi non ha mai letto il libro o che addirittura non sa di cosa parli, quali sarebbero le principali simbologie per comprendere l'Inferno, il Purgatorio e il Paradiso?

Prof.ssa MCC: Non parlerei di simbologie o simboli, ma di allegorie. I tre mondi costituiscono il mondo ultraterrestre di Dante. Nell'Inferno, le allegorie implicano la capacità di affrontare i propri sentimenti, qualunque siano, e di avere empatia, di non essere indifferenti al destino di coloro che Dante incontra. Nell'Inferno sentiamo e trasferiamo a noi stessi, alla nostra carne e al nostro corpo, ciò che questi personaggi ci danno. Ed eventualmente soffriamo con loro, alimentando il nostro coraggio di affrontare la vita, il che ci sprona ad andare avanti, come succede a Dante. C'è anche l'allegoria del superamento dei momenti negativi e dello sviluppo delle capacità emotive per continuare il viaggio. E così arriviamo al Purgatorio. In esso c'è un approfondimento della storia dei personaggi, che ci fanno vedere ancora la sofferenza umana, ma come rito di passaggio per raggiungere il Paradiso. E quando raggiungiamo il Paradiso, Dante ci presenta tutta la

capacità intrinseca dell'essere umano come creatura divina. Più le anime sono vicine a Dio, più perdono i loro contorni e diventano luce. Il risultato allegorico è il miglioramento della nostra capacità di dare concretezza all'immaginazione e alla fantasia nel mondo moderno, oltre a quella di superare le difficoltà, quando le vediamo e le riconosciamo con la forza dell'immagine allegorica.

DC: Infine, perché leggere questo classico che ha più di 500 anni?

Prof.ssa MCC: Potrei rispondere in diversi modi: perché è bello, semplicemente bello; perché suscita curiosità, anche per il suono di ogni terzina, creata a partire dalla maestria di Dante nel mettere insieme le parole e creare versi; perché è quasi impossibile smettere di leggerlo una volta iniziato. Ma ora rivolgo la mia risposta a coloro che sono italiani o di origine italiana qui in Brasile, o che studiano la lingua italiana e sono interessati in qualche modo alla cultura italiana: leggere la *Divina Commedia* è avere il privilegio di leggere la storia culturale d'Italia, perché Dante ha scritto una delle più grandi opere della letteratura e del pensiero in lingua italiana – e la lingua ovviamente è cambiata nel tempo, ma noi la riconosciamo, quindi possiamo sperimentarla in modo privilegiato. Leggere Dante è continuare ad avvicinarsi all'italianità.

Un oggetto di studio sette volte centenario

La DC ha parlato con cinque ricercatori brasiliani per capire l'importanza di studiare qui, ancora oggi, l'opera del poeta Dante Alighieri
Di Luisa Destri

Anche coloro che non hanno mai letto Dante Alighieri o sentito parlare di lui sono immersi negli sviluppi della sua creazione. Questa è l'opinione di persone che si dedicano allo studio professionale degli scritti del poeta fiorentino, come sintetizza Eduardo Sterzi, docente di Teoria e storia letteraria all'Università Statale di Campinas (Unicamp): "Gran parte dell'immaginario contemporaneo legato all'inferno deriva direttamente da Dante", dice, riferendosi alle immagini descritte nella prima parte della *Divina*

Commedia, che ancora oggi determinano il modo in cui pensiamo alla sofferenza eterna imposta alle anime umane. "Queste immagini sono ovunque nel cinema e nella televisione, ma anche nei fumetti e nei videogiochi", aggiunge l'autore di *Por que ler Dante* (Globo, 2014), sottolineando che, in termini di catastrofe ambientale e sanitaria, crisi politica ed economica, l'immaginario stesso del mondo contemporaneo tende a confondersi con quell'idea di inferno, al di là dei limiti della cultura e della religione.

Un altro pilastro del cristianesimo, religione di Dante ancora predominante in gran parte dell'Occidente, è l'etica presente nella *Commedia*, eredità del filosofo greco Aristotele, come ci ricorda Emanuel França de Brito, docente di Lingua e letteratura italiana all'Università Federale Fluminense (UFF). "Ma, indipendentemente dalla religione di chi la legge, questo argomento porta in sé nozioni di limiti e di giustizia che sono molto impregnate nella nostra cultura, fornendo parametri ancora validi per permetterci di distinguere tra ciò che è giusto e ciò che è sbagliato", afferma il ricercatore, che ha dedicato le sue tesi di master e di dottorato all'opera del maestro fiorentino.

Per esemplificare quanto il modo dantesco di vedere e organizzare il mondo possa essere illuminante ancora oggi, Brito fa riferimento a una delle questioni che hanno guidato la tesi che ha discusso all'Università di São Paulo (USP) nel 2010. Considerando sia la *Commedia* che il *Convivio*, un'opera filosofica di Dante, il ricercatore mostra come il peccato di gola, che porta dei personaggi all'inferno, abbia analogie con la sete di conoscenza. "Qual è il limite che, se superato, rende lo studioso un 'golososo'? Il mito biblico racconta che Eva morde la mela per conoscere il bene e il male, il che provoca la sua espulsione dal paradiso", ricorda, sottolineando che, secondo la religione cattolica, il credente deve evitare il peccato di Eva, allontanando la tentazione di mordere la mela e rispettando i limiti della conoscenza. "La fede è la conoscenza a partire da cui si ragiona, ma che allo stesso tempo non spiega molte cose e obbliga i fedeli a credere nel mistero dei miracoli", aggiunge. E spiega che da questo ragionamento è nata la domanda che guida il suo lavoro: "È giusto che si cerchi più conoscenza, a prescindere dai limiti imposti dalle religioni?". Mentre i testi classici cercano di rispondere a questa domanda basandosi su valori atemporalmente, come la vanità intellettuale

e l'egoismo, esiste una lettura contemporanea possibile, che mostra l'attualità della questione: "Se la ricerca della conoscenza obbedisce solo alla volontà individuale, non è anche quella ghittoneria?", chiede il professore dell'UFF, approfittando della riflessione per fare un'esortazione: "Questo ci ricorda che la ricerca non dovrebbe girare solo intorno ai nostri interessi personali, non riuscendo a dare frutti al di là dell'accademia, il che già succede in alcune aree del sapere e può sempre aumentare". L'università deve mantenere un dialogo aperto con la società e agire come formatrice di opinione, sostiene – accentuando che, per raggiungere quest'obiettivo, devono esserci anche politiche pubbliche: "L'investimento nella ricerca non può essere visto come qualcosa di meno importante tra gli investimenti pubblici, come sta accadendo in Brasile".

Anche per Mariana Romero, storica che studia l'opera dantesca all'interfaccia con gli studi letterari, l'importanza di conoscere e studiare l'opera e l'universo del poeta fiorentino è legata alla possibilità di conoscere un'altra cultura, "così lontana e allo stesso tempo così vicina": "Questo ci avvicina alle nostre radici e ci fa anche riflettere sulla grandezza delle opere d'arte, che lo sono perché sono sempre belle e atemporali", dice. Docente all'Istituto Federale di Goiás (IFG), lei afferma che i suoi studi come specialista alimentano il suo lavoro in classe. Sebbene molti degli studenti non abbiano mai sentito parlare del poeta, nelle loro lezioni la classe è invitata a scoprire l'Italia medievale di Dante e la grandezza di Firenze. "Perché non è solo Dante, giusto? Dopo di lui, in molti hanno dipinto, scritto, scolpito le immagini che ha descritto. Poter dialogare con altri linguaggi (dipinti, film, fumetti, videogiochi) per portare la cultura italiana nel Brasile di oggi è fantastico, un modo per dimenticare che ci sono sette secoli tra noi e l'umano di divina sapienza", afferma, citando le parole con cui un altro poeta italiano, Giovanni Boccaccio (1313-1375), ha definito Dante.

L'importanza di conoscere e celebrare qui una cultura riconosciuta come canonica in diverse parti del mondo è ricordata anche da Pedro Falleiros Heise, professore di lingua e letteratura latina all'Università Federale di Santa Catarina (UFSC). "Dante non è l'unico grande poeta italiano, né il migliore, perché non credo che Dante sia migliore di Petrarca o Boccaccio, né che Petrarca sia migliore di Dante o Boccaccio, e via discorrendo. Sono tutti grandi poeti, ed è per questo che tutti meritano di essere letti, ce-

lebrati, ricordati", dice il ricercatore, che ha studiato la diffusione dell'opera dantesca in Brasile sia nel suo master che nel dottorato.

"L'introduzione di Dante nella lingua portoghese, per un fatto insolito, è avvenuta per la prima volta in Brasile", racconta Heise, la cui tesi, discussa all'USP nel 2007, mostra lo spirito pionieristico del medico italiano Luiz Vicente De Simoni (1792-1881), qui radicato, che ha tradotto alcuni dei canti più famosi dell'Inferno, oltre ai primi canti del Purgatorio e del Paradiso. "Queste traduzioni sono state incluse nel *Ramalhete poético do parnaso italiano* (in traduzione libera, Raccolta poetica del parnaso italiano), una raccolta bilingue che comprende poeti italiani, da Dante a Pellico e altri contemporanei della pubblicazione di quest'opera, organizzata nel 1843 in occasione del matrimonio tra l'imperatore del Brasile Pedro II e l'italiana (napoletana) Teresa Cristina", chiarisce, aggiungendo che l'antologia comprende, oltre a Dante, Petrarca, Ariosto, Tasso, Metastasio, tra gli altri poeti ormai dimenticati. "Solo dopo queste traduzioni di De Simoni altre poesie sono state pubblicate in portoghese, in Brasile e in Portogallo", conclude.

Percorsi

"Dante non è stato sempre il Dante a cui pensiamo oggi", afferma Heise: "C'è una storia che racconta come Dante è diventato questo Dante di cui oggi celebriamo il 700° anniversario della morte". Il professore dell'UFSC spiega che il poeta fiorentino inizia a essere considerato il "padre della patria" italiana dopo la lettura che gli ha dedicato il filosofo italiano Giambattista Vico (1668-1774) e le iniziative legate al Risorgimento, movimento che cercava l'unificazione d'Italia nel XIX secolo. Anche in Brasile esiste una storia della lettura di Dante, che ha come capitoli principali la prima metà del Novecento, quando si è diffusa l'immagine di Dante come padre di una Italia specifica – quella di Mussolini, che interessava ad autori collegati all'*Ação Integralista Brasileira*, un movimento politico ultraconservatore ispirato al fascismo italiano. A partire dalla grandezza del poeta, gli integralisti cercavano di promuovere l'idea che il popolo italiano fosse, con il fascismo, un popolo più avanzato. "Per questo credo sia molto importante separare l'opera dantesca dalla figura che si è costruita del poeta: una cosa sono i poemi di Dante, un'altra è l'immagine che si è creata di lui", problematizza il ricercatore.

L'importanza di leggere l'opera del poeta fiorentino prendendo in considerazione il contesto e la storia appare anche nelle ricerche di Sterzi, la cui tesi di dottorato, discussa all'Unicamp nel 2006, cerca di mostrare come Dante conferisca "un peso inaudito – ma coerente con l'intero clima culturale della sua epoca – all'idea di novità. Non a caso lui stesso ha parlato, per esempio (e questi sono solo gli esempi più noti), di *vita nova e dolce stil novo*". Questo è il suo punto di partenza per pensare a come un autore normalmente visto in relazione al Medioevo e al Rinascimento possa essere letto come annunciatore della modernità. Per il professore dell'Unicamp, il libro dantesco inaugurale, *Vita nova*, con il suo carattere critico-narrativo, ha un ruolo decisivo nel modo in cui sarà configurata la *Commedia*, la cui novità risiede nel fatto che si tratti di un poema epico narrato in una prima persona che si confonde con la figura dell'autore stesso – il che non succedeva prima di Dante, ma avverrà in gran parte della tradizione letteraria successiva.

Mentre Sterzi considera che la modernità sia la "sua" questione principale come ricercatore, portandolo a ripercorrere il lavoro di autori diversi di periodi diversi – la sua tesi di master è sul poeta brasiliano Murilo Mendes (1901-1975) e altri suoi gli studi riguardano l'antropologo brasiliano Eduardo Viveiros de Castro, il movimento concretista brasiliano, tra gli altri temi –, il percorso professionale dei ricercatori che si dedicano all'opera dantesca è segnato, in generale, dal loro rapporto stretto con il maestro fiorentino. Heloísa Abreu de Lima, che nel 2019 ha discusso una tesi di master presso l'Unicamp sulla configurazione formale dei versi della *Commedia*, racconta l'importanza del contatto che ha avuto con il capolavoro di Dante ancora nel primo semestre della sua laurea in studi letterari: "Il libro mi è piaciuto così tanto che ho deciso di studiare l'italiano per rileggerlo in lingua originale. Nel secondo semestre, come conclusione di un corso che ho seguito, ho scritto un lavoro sulla *Commedia*. Questo lavoro è diventato poi la mia ricerca di iniziazione scientifica e la rispettiva monografia". Durante il master, Lima ha ricevuto una borsa di studio dal Ministero degli Affari Esteri, che ogni anno offre borse di studio a studenti stranieri, e ha trascorso sei mesi presso l'Università di Roma "La Sapienza" per realizzare una parte della sua ricerca.

Il percorso di Heise è stato simile: dopo aver letto la *Commedia*, mentre era

ancora al corso di laurea, ha deciso che l'avrebbe studiata alla specializzazione. "Dopo questa prima lettura, ho vissuto per quasi un anno in Italia, quando ho approfondito la mia conoscenza della lingua italiana, con l'intenzione di potermi poi dedicare all'opera di Dante", racconta. Tornato in Brasile, ha cominciato la sua iniziazione scientifica, raccogliendo materiali che avrebbe usato nelle ricerche successive.

I cinque ricercatori intervistati nell'ambito di questo articolo hanno ricevuto una borsa di studio per svolgere parte della loro ricerca in Italia, il che ha permesso loro di entrare in contatto con un ambiente accademico diverso da quello brasiliano. Mentre Sterzi segnala particolarità metodologiche che portano gli italiani a considerare il testo delle opere in modo diverso rispetto agli studiosi letterari brasiliani, Romero ricorda la *Scuola estiva internazionale in Studi danteschi*, che si tiene a Ravenna (ultima dimora del poeta fiorentino), durante la quale gli studenti, ricercatori e professori vivono un'immersione dantesca. Brito, invece, mette in evidenza due differenze fondamentali: la prima è la formalità dell'ambiente di ricerca italiano, mentre in Brasile l'università è segnata dall'informalità che caratterizza la nostra identità culturale. "Ma la differenza principale è sempre in relazione agli investimenti pubblici, fatti sia nella struttura che nella conservazione dei materiali", puntualizza. E, con enfasi, aggiunge: "Con importanti eccezioni, c'è molto materiale storico in deterioramento nel nostro Paese. È la nostra memoria che si perde. A questo proposito, gli italiani hanno già imparato che la loro cultura dipende anche dalla sopravvivenza della loro storia, dei loro documenti, delle loro antiche rovine". Non c'è da stupirsi che Dante Alighieri sia ancora qui, settecento anni dopo la sua morte.

Al limite tra autobiografia e finzione

Di Carolina Ferreira*

Parlare di Dante Alighieri non è un'impresa facile, il che spiega la quantità di studi che continuano a essere realizzati, anche a distanza di secoli dalla pubblicazione della sua opera. Nato a Firenze nel 1265, Dante è noto soprattutto per la sua *Divina Commedia*, pubblicata nel



1472. Nella *Vita Nuova*, il suo primo libro, pubblicato nel 1294, vediamo uno scrittore che parla di sé — nell'opera, l'autore racconta il suo amore per Beatrice Portinari.

La pratica dell'autofinzione è piuttosto antica, sebbene il termine sia stato coniato solo nel 1977 da Serge Doubrovsky. Attualmente non c'è tanto rigore nel fare letterario per quanto riguarda la forma e i limiti tra narratore e autore. "In una certa misura, tutta la lirica riguarda l'*io*. Ora, quanto questo *io* coincida con quello dell'autore e quanto sia fittizio è alquanto discutibile", afferma l'insegnante, scrittrice e critica letteraria Noemi Jaffe.

La *Vita Nuova*, di Dante, è un'opera ibrida, che mescola prosa e versi. E, nonostante il suo carattere autobiografico, l'autore introduce altre voci per comporre la narrazione, il che regala prospettive diverse alla stessa storia. L'*io* presente nel testo è un *io* empirico, cioè narra fatti già accaduti, nel tentativo di cogliere parte di ciò che è successo, lasciandosi inevitabilmente sfuggire qualcosa. La memoria è una risorsa importante in questa costruzione, secondo la filosofa e scrittrice Jeanne Marie Gagnebin: "Noi articoliamo il passato, (...) non lo descriviamo, come si può provare a descrivere un oggetto fisico". Un testo autobiografico contiene in sé un inevitabile finzione, poiché la memoria non è mai oggettiva e precisa, ma sempre soggettiva.

Coniando il termine autofinzione, Doubrovsky crea una sorta di pietra miliare: fondere in una parola due forme di scrittura che di solito sembravano contrapporsi può provocare, in principio, la sensazione che l'autofinzione crei una sorta di disorganizzazione nella biografia. Ma, in realtà, la biografia si trasforma quando viene ricostruita e modificata con elementi dell'immaginario e della creazione letteraria. Nonostante il suo spirito pionieristico, l'opera di Doubrovsky non ha avuto un impatto immediato

e non si è parlato di autofinzione in Francia fino all'inizio degli anni 1990. Secondo ricerche realizzate su questo tema, solo all'inizio degli anni 2000 l'autofinzione è diventata un genere formalmente consolidato.

L'articolazione della memoria e il suo trasformarsi in finzione, così come la figura dello scrittore (che qui possiamo chiamare scrittore empirico), un ente indefinito tra la figura del personaggio e quella del narratore, richiedono uno sguardo attento da parte del lettore. Naturalmente, la verosimiglianza fornita dall'autofinzione può portare più lettori a creare un legame con un'opera. Tuttavia, è necessario ricordare che il testo rimane inserito nell'universo della letteratura. I fatti autobiografici non si sovrappongono al fare letterario.

Nel caso dell'autofinzione, c'è un confine tra autobiografia e finzione, come se il patto di lettura fosse diventato un groviglio. Può essere naturale per molti lettori essere portati a pensare che tutto ciò che c'è nel testo riguarda lo scrittore stesso, ma, per quanto professionale possa sembrare l'opera, in essa ci sono tracce del fare letterario dell'autore. Possiamo prendere come esempio l'opera della scrittrice Carolina Maria de Jesus, divenuta nota negli anni Sessanta per la pubblicazione del suo best-seller *Quarto de Despejo* (in traduzione libera, *Stanza dei rifiuti*; casa editrice *Ática*), ma che prima di quel periodo aveva già scritto e realizzato piccole apparizioni su giornali come "la poetessa nera".

Nella stesura dei diari che compongono l'opera di Carolina è possibile osservare un'interessante costruzione narrativa. I lettori più attaccati a quello che sembra un simulacro della realtà, presente nei racconti del libro, possono perdere di vista il fatto che Carolina mobilita immagini sensibili in mezzo alle vicende quotidiane, così come dettagli della forma poetica in cui lei racconta l'ambiente dove vive.



"15 maggio Ci sono notti in cui improvvisano una tambureggiata e non lasciano dormire nessuno. I vicini delle case di muratura hanno provato a rimuovere i *favelados* con una petizione. Ma non

ce l'hanno fatta. I vicini delle case di mattoni dicono:

I politici proteggono i *favelados*. Chi ci protegge è il popolo e i Vincenziani. I politici vengono qui solo in epoca elettorale. Il signor Cantidio Sampaio, quando era consigliere comunale nel 1953, passava le domeniche qui nella favela. Era così gradevole. Beveva il nostro caffè, usava le nostre tazze. Si rivolgeva a noi con le sue frasi di velluto. Giocava con i nostri bambini. Ha lasciato buone impressioni qui e quando si è candidato a deputato ha vinto. Ma la Camera dei Deputati non ha creato nemmeno un progetto a beneficio dei *favelados*. Non è più venuto a trovarci. ... Definisco San Paolo così: Il *Palácio* è il soggiorno. Il municipio è la sala da pranzo e la città è il giardino. E la *favela* è il cortile dove si buttano i rifiuti.

... La notte è tiepida. Il cielo tutto pieno di stelle. Io che sono esotica vorrei tagliare un pezzo del cielo per farmi un vestito. (...)"

(Branco di *Quarto de Despejo*, di Carolina Maria de Jesus, p. 32. *Atica*, 2019, R\$ 55)

Il testo si inserisce nel campo letterario, trasformando anche ciò che ci sembra riconoscibile, effettivamente, in qualcosa di nuovo. Il quotidiano, che chiamiamo realtà, è uno stato non linguistico, grezzo, che, per essere trasposto nell'universo letterario, si trasforma in un altro stato. Il linguaggio dell'autofinizione è forse un invito perché il lettore veda ciò che già conosce in un nuovo modo, come se lo vedesse per la prima volta.

Se questo movimento di "traslocazione" dal reale al fittizio porta a una trasformazione del fatto, come l'autofinizione può trasformare anche il lettore? Come questo genere dialoga con i tempi attuali? La letteratura stessa, sia quella prodotta ai tempi di Dante che quella di oggi, ha il potere di trasformare gradualmente chi si apre a questo universo di infinite possibilità come esercizio di alterità. Essa riesce, anche se in un ritmo diverso da quello che sperimentiamo quotidianamente perché ormai siamo iperconnessi, a intervenire nella realtà sociale.

Questo esercizio di alterità diventa più presente man mano che il lettore approfondisce le letture, un percorso che si segue secondo il repertorio individuale. Julián Fuks, autore di *A Resistência* (in traduzione libera, *La Resistenza*), edito da *Companhia das Letras* e vincitore del premio *Jabuti* nel 2016, afferma che ciò

che ha motivato la scrittura del libro è stato il tentativo di esplorare il tema dell'adozione, nella ricerca di comprendere la resistenza del fratello alla vita in famiglia. Ma l'atto di resistere dà luogo ad altri eventi all'interno del libro, per via del riscatto storico realizzato da Fuks per raccontare questa storia — la resistenza è anche quella dei genitori alla dittatura militare, e quella del narratore stesso quando narra. Questa costruzione fa sì che il libro occupi un posto vicino ai limiti di un romanzo.



"Non voglio immaginare un capannone grande, gelido, cupo, il silenzio assicurato dal mutismo di un esile bambino. Non voglio immaginare la mano robusta che lo afferra per i polpacchi, gli schiaffi duri

che lo colpiscono fino a far riecheggiare il suo pianto afflitto. Non voglio immaginare quel grido stridente, la disperazione del bambino al suo primo respiro, il desiderio di un grembo che lo accolga: un grembo che non gli sarà offerto. Non voglio immaginare le braccia tese di una madre in agonia, un altro grido smorzato dal rumore degli stivali contro il pavimento, stivali che se ne vanno e portano il bambino con sé: lui scompare, resta la vastità del capannone, resta il vuoto. Non voglio immaginare un figlio e una donna in rovina. Preferisco lasciare che queste immagini svaniscano negli incubi inauditi, incubi che abitano in me o che abitavano un letto accanto al mio."

(Branco di *A Resistência*, di Julián Fuks, p. 11. *Companhia das Letras*, 2015, R\$ 44,90)

Per la scrittrice Noemi Jaffe, "attualmente l'autofinizione dialoga anche con un mondo molto più confuso e senza canoni o parametri fissi di alcun genere. Non c'è più Dio, patria o morale che governi tutti, e ogni autore ha se stesso come parametro principale. Questo rende l'autofinizione molto più porosa, libera, ma anche più impegnativa, poiché non ci sono limiti a nulla". L'autrice ha recentemente pubblicato il libro *Lili: Novela de um luto* (in traduzione libera, *Lili: Novella di un lutto*), edito da *Companhia das Letras*.

Nell'opera lei scruta i dolori del lutto per la morte della madre e rievoca la vita condivisa con lei, tastando in che modo avviene la permanenza di una parte di chi muore con chi rimane. Noemi dice di essersi sentita chiamata dalla sua scrittura, che è stata motivata da un'esperienza personale molto forte. "Quasi non ho scritto pensando a un libro, ma pensando solo al mio dolore." L'autrice non vede alcuna differenza tra l'autofinizione e altri generi, per quanto riguarda l'avvicinamento tra lettore e opera. "Tutto dipende dal modo in cui il libro viene scritto e dal rapporto che il lettore stabilisce con esso, indipendentemente dal genere", sottolinea.



"E dove vado adesso? A quale futuro vado senza di lei, che è parte di me, lei, di chi sono parte io?"

Ho ereditato la sua innocenza, la sua curiosità e il suo stupore per l'ignoto e la natura, e mi ritrovo sempre a pensare a cose come "cosa stanno sognando i ciechi?" Ma sono sempre in uno stato di giudizio e opinione, cose che non le importavano molto. A volte era stupidamente sincera, dicendo le più grandi sciocchezze ad alcune persone che, comprensibilmente, si offendevano. Richiamavo la sua attenzione e lei mi diceva: "E che c'è? È vero", come se ciò che lei considerava la verità dovesse essere detto con assoluta urgenza. Ho imparato a usare il silenzio per non incriminarmi."

(Branco di *Lili: Novela de um luto*, di Noemi Jaffe. *Companhia das Letras*, 2021, R\$ 39,90)

Nonostante i secoli che separano le produzioni contemporanee dalla *Vita Nuova*, c'è qualcosa a livello di esperienza umana che le unisce. Dante introduce, nell'opera, aspetti innovativi per il suo tempo, narrando un'esperienza amorosa umana basata su elementi di memoria e immaginazione del Medioevo. È il narratore della propria esperienza, ma anche colui che cerca di comprenderla spostandola sul campo letterario. Al limite tra l'autobiografia e la finzione, qualcosa si inaugura. La letteratura, in generale, avvicina le persone alla realtà concreta del corpo di

chi vive ciò che è raccontato. Le opere degli autori qui presentati ci dicono che noi, come individui, non siamo isolati. E ci dicono che, in tempi in cui c'è un eccesso di presenza virtuale, è importante mettere le mani sulla carne della realtà e immergersi nel potere che l'esperienza soggettiva può fornire. Nell'incontro e nell'avvicinamento del nostro io con gli altri.

*Carolina Ferreira è una studentessa di master in Letteratura e Critica letteraria della PUC-SP



"Attualmente l'autofinizione dialoga anche con un mondo molto più confuso e senza canoni o parametri fissi di alcun genere. Non c'è più Dio, patria o morale che governi tutti, e ogni autore ha se stesso come parametro principale. Questo rende l'autofinizione molto più porosa, libera, ma anche più impegnativa", afferma l'autrice Noemi Jaffe

Consigli di lettura

Noemi Jaffe:

- *Gli anelli di Saturno: Un pellegrinaggio in Inghilterra*; W. G. Sebald
- *Azul e dura (Azzurra e dura)*; Beatriz Bracher

• *Patrimonio*; Philip Roth

Carolina Ferreira:

- *Água de barreira (Liscivia)*; Eliana Alves Cruz
- *Io so perché canta l'uccello in gabbia*; Maya Angelou
- *La mia casa è dove sono*; Igiaba Scego

L'inverno di Dante

Di Karin Hueck

illustrazioni: Audrey Tigre

Il vicino insospettato che mi ha posto la domanda pensava che stesero solo rispettando il Protocollo Ufficiale degli Ascensori. È entrato, ha accennato con la testa e ha detto: "fa caldo oggi, eh?", impedendoci così di fare il viaggio verticale in silenzio. Ho alzato le sopracciglia per fargli sapere che l'avevo sentito e ho annuito. Lui non poteva saperlo, ma pensavo sempre al tempo.

È iniziato un giorno, quando mi sono resa conto che erano anni che non vedevo i porcellini di terra*. Li trovavo ovunque, nelle aiuole, nei cortili delle case. Dove erano finiti? Stessa cosa con le farfalle. Perché passavano mesi senza che una incrociasse il mio cammino? Una rapida ricerca su Google mi ha portato a un termine che avrei preferito non aver imparato: "l'Apocalisse degli Insetti". Apparentemente, negli ultimi cinquant'anni, la popolazione di insetti sul pianeta è crollata del settantacinque per cento. Eccesso di pesticidi e crisi climatica, dicono.

Da allora, ho iniziato a vedere segni ovunque, come i personaggi paranoici dei film. La volta in cui il Circolo Polare Artico ha bruciato, a 32°C. O quando una mattina il cielo di San Paolo si è svegliato ingiallito dalle ceneri di incendi lontani. Inondazioni che strappano intere città dalla mappa della Germania. O il Pakistan, che si è abituato a temperature che si avvicinano ai 60°C. C'è qualcosa che non va.

Una volta, durante un'altra delle mie ricerche ossessive, ho scoperto che prima che iniziassimo a lanciare tonnellate di carbonio nell'atmosfera, il pianeta si stava raffreddando. Fino a cent'anni fa il mondo affrontava una piccola era glaciale, un periodo che ha durato quasi sei secoli e



che è iniziato in un momento denominato dagli storici l'Anomalia di Dante.

A quel tempo, nel primo ventennio del Trecento, il clima è cambiato. Per decenni il sole praticamente non si vedeva. Un vento polare copriva l'Europa con una nebbia gelida costante. Cadeva così tanta acqua dal cielo che la Terra è diventata fango. I semi marcivano nei campi umidi prima di germinare. Fame, pestilenze, rivoluzioni.

L'Anomalia di Dante è così chiamata perché ha coinciso con gli ultimi anni della vita di Dante Alighieri, proprio quando ha scritto la sua *Divina Commedia*. Alcuni studiosi ritengono che si sia ispirato al clima di questi due decenni per punire i ghiottoni, i troppo golosi, inviati al terzo cerchio del suo Inferno: "Io sono al terzo cerchio, de la piova

/ eterna, maladetta, fredda e greve; / regola e qualità mai non l'è nova. / Grandine grossa, acqua tinta e neve / per l'aere tenebroso si riversa; / pute la terra che questo riceve". Bene, anche noi sappiamo com'è vivere in mezzo a una catastrofe climatica.

Mi arrabbio quando dicono che parlare del tempo è soltanto chiacchiera da ascensore. Non so come sia possibile parlare d'altro. Ero ancora accanto al mio vicino quando ho finito le mie elucubrazioni sul tempo. Prima di uscire dall'ascensore, al mio piano, gli ho finalmente risposto: "sì, fa caldo. E non farà che peggiorare".

*I porcellini di terra non sono insetti, ma crostacei, il che comunque non li ha salvati dall'apocalisse.

Scopri le nostre dimore arredate

Di Pamela Carbonari

Ogni mese ti chiedi se riuscirai a pagare l'affitto? Nessuna prospettiva di poter comprare la casa dei tuoi sogni? Stanchi degli annunci immobiliari che riducono la tua esistenza a un balcone gourmet? Benvenuto all'Eternità Associati, la tua dimora per sempre. Mi chiamo Virgilio e, in via eccezionale, ti presenterò un progetto esclusivo che nei millenni è diventato un punto di riferimento dell'architettura d'avanguardia.

Innanzitutto, per sfruttare al meglio la tua visita alle nostre dimore finemente arredate, ti suggerisco di lasciare le tue speranze fuori da questa esperienza, perché non ti sognerai mai di trovare un progetto così ingegnoso. Scavata in un solo colpo, questa residenza sotterranea è composta da nove blocchi circolari progettati per soddisfare le più alte esigenze dei nostri clienti.

Gli astuti professionisti responsabili del lavoro hanno sviluppato un concetto abitativo ibrido per stimolare la sinergia tra i proprietari. Ogni blocco ha il suo ecosistema, con clima, fauna e flora propri, valorizzando, così, la definizione di morire bene. Tempeste, fango, sangue, lacrime, ghiaccio e molto altro sapientemente disposti in un'estetica rinascimentale *avant-garde*. Oltre alle straordinarie dimensioni e alla certezza di vivere gli estremi del comfort termico e acustico, vale la pena ricordare che i murales della facciata sono stati dipinti dal grande Sandro Botticelli e che le unità premium sono pet friendly e hanno una vista mozzafiato sui fossi.

Ti sfido a trovare altre aziende che lavorino con una gamma così svariata di materiali. Dalla fondazione alle rifiniture, la garanzia è a vita. L'Eternità è sempre stata riconosciuta per la sua competenza nelle costruzioni durevoli, ma questo progetto ha il sigillo di qualità Officina del Diavolo.



Contrariamente a quanto può sembrare, qui la tua mente non sarà mai più vuota. Di addio alle noiose palestre, alle insipide sale da ballo e alla rumorosa agitazione dei bambini nel parco giochi del tuo condominio terreno. In qualità di professionisti dirompenti che siamo, crediamo che comprendere la diversità del pubblico sia il segreto del business. Ecco perché ogni circolo ha la propria struttura di intrattenimento privata: stazioni di Luta Livre, centri di carico di pietre, tiro con l'arco, canottaggio in fiumi di lava, pareti di arrampicata di fuoco, equitazione con centauri, attraversamento di paludi e molto altro. Per non parlare dei nostri pionieristici Spazi

Barbecue, che hanno vinto numerosi premi di design e sostenibilità.

A questa profondità ti chiederai cosa devi fare per ottenere una casa a sette palmi sotto terra. È molto più semplice che mettere insieme le scartoffie delle divine agenzie immobiliari. Questo condominio è stato progettato per essere la tua ultima dimora e per soddisfare i budget più diversi. Investimenti più economici di un caffè: frodare, rubare, tradire, portare rancore, uccidere, ripetere il dolce... Ecco il tuo percorso!

Fai come Giuda, Bruto e Cassio e inizia subito a investire nel tuo futuro. Eternità Associati, la dimora che meriti.

anni, Beatriz non poteva salire lassù. Ci voleva la compagnia di una guida, di qualcuno con le gambe più lunghe e le mani più ferme: la sorella maggiore. Ma sua sorella, che aveva otto anni, non era come Beatriz. Non era più interessata all'arrampicata, ai sentieri e alle ginocchia sbucciate dai rami secchi. Preferiva i fumetti comprati ogni domenica e le partite di pallavolo del sabato mattina. Seduta calmamente davanti allo schermo, trascorrevano ore a guardare il duello

tra due squadre mentre compilava le caselle dei cruciverba. Ma Beatriz no. Beatriz voleva la montagna.

Beatriz una volta ha sentito un cantante dire che non si sarebbe mai seduto sul trono di un appartamento e anche qualcosa su un disco volante su una calma cima. Ciò rendeva Beatriz euforica. Lei lo sapeva: voleva salire su quella calma cima di fronte al balcone di sua madre, con o senza dischi volanti. Si immaginava lassù, risoluta, forte e grande. La montagna piena di alberi secchi con i falchi alla ricerca di piccoli roditori nella terra secca d'inverno. Beatriz pensava: un posto con i falchi è un buon posto. Era sicura che un giorno avrebbe scalato la montagna, ha programmato

di prendere la fionda e l'elastico per i capelli, di riempire la borraccia dei Power Rangers e di indossare le scarpe da ginnastica Bamba ereditate da suo cugino per poi partire.

In qualche modo sapeva che la montagna la stava aspettando. E lei bloccata e imbronciata su quella collina al contrario. Con la fronte corrugata dalla rabbia per essere ancora troppo piccola, contemplava come un saggio cinese quale sarebbe la sua più grande avventura. Beatriz lo sapeva, l'ha sempre saputo. Quella montagna era il suo paradiso e un paradiso ci aspetta sempre. Anche lei avrebbe aspettato. Sua madre diceva: otto anni, Beatriz, quando avrai otto anni ti lascio salire sulla montagna.

Era quella la promessa del viaggio solitario attraverso la calma cima della montagna di fronte a lei.

E così sono passati giorni e settimane. Settimane e mesi. Mesi e due anni.

Beatriz ora ha otto anni, le sue lunghe dita non ci stanno più nelle Bamba, la sua bottiglia dei Power Rangers è rotta e abbandonata in giardino. A Beatriz ora piacciono i fumetti della domenica e le partite di pallavolo del sabato mattina. Beatriz non guarda più quella montagna perché ora il suo paradiso è un altro: Dante Amaral, schiacciato della nazionale brasiliana, un falco che spicca il volo con tanta potenza, fino a segnare l'ultimo punto dell'ultimo set contro la nazionale russa di pallavolo.

Sognare manoscritti

Di Guilherme Conte

"Sono ateo, ma questo è un miracolo!" I cronisti che hanno intervistato il professor Cascino quel pomeriggio del 14 maggio hanno addirittura notato che la frase era buona; che sarebbe risultato in delle belle copertine e che sarebbe stata il coronamento del telegiornale della sera. Ma nessuno dei presenti nell'anfiteatro, forse nemmeno il professore stesso, ha immaginato la portata di quello che sarebbe successo dopo. La frase, molto tipica dello spirito beffardo e preciso del professore, è diventata virale e ed è stata ripetuta fino allo sfinimento: è stata stampata su una T-shirt del prestigioso marchio Versace, scritta sui muri di tutta l'Italia (e anche all'estero), è diventata un hashtag per influencer e celebrità ed è finita addirittura all'apertura dei mondiali.

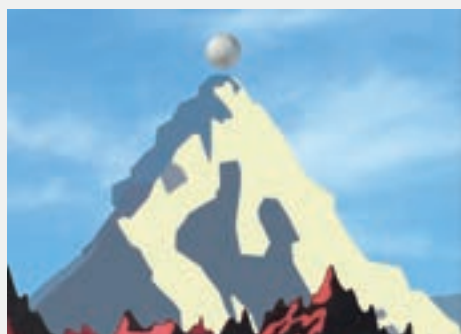
C'era da aspettarsi. È toccato al professore, in quella conferenza stampa, confermare la notizia che cominciava a girare il mondo sotto forma di chiacchiera: era stata scoperta, all'interno di un muro di un piccolo convento di cappuccini nel comune di Monte Sant'Angelo, la prima copia del manoscritto de *La Divina Commedia* di cui si ha notizia nella storia, scritta a mano dal poeta fiorentino Dante Alighieri. Ciò ha colmato una delle più grandi lacune della storia culturale dell'Occidente — risultato di una semplice ristrutturazione dovuta a uno scambio di fondamenta in un seminterrato.

Era difficile non essere d'accordo con la valutazione del professore. Il fatto



che *La Divina Commedia* sia arrivata a noi solo attraverso copie e versioni ha motivato innumerevoli speculazioni, dibattiti e tesi per più di 700 anni, attraversando i secoli come una freccia nel tempo. Avere finalmente accesso a un manoscritto sognato da così tante persone in diverse civiltà era davvero un miracolo.

Molti in tutto il mondo hanno visto una forte carica poetica nel fatto che la scoperta sia stata fatta dal muratore Yunus, un rifugiato etiope che aveva attraversato il Mediterraneo su un barcone sovraffollato — quasi naufragato per due volte — e che, dopo aver avuto il permesso di soggiorno rifiutato in tre paesi, si è finalmente stabilito a Bari. "Un esule, proprio



Muro singolo

Di Estela Rosa

Sin dalla nascita, Beatriz fissava la montagna davanti alla casa dei suoi genitori. La casa, in un tratto di geografia alquanto strana, si trovava sotto il livello della strada, come una collina capovolta. In fondo al burrone, la casa; in cima alla strada, la montagna. Sua madre diceva che da sola, all'età di sei

{IN ITALIANO}

come Dante!", ha dichiarato il papa, in viaggio nel nord del Libano al momento dell'annuncio. "Un esilio dal capitalismo e dall'intolleranza. Uno che ha vissuto l'Inferno e che merita il Paradiso, come tutte le persone di buon cuore sulla faccia di questa Terra".

Altri, certamente una minoranza, vedevano in questo parallelismo tra esuli una

certa esagerazione, un luogo comune. Dopotutto, cosa potrebbero avere in comune un espatriato trasformato in muratore in una nuova terra e un poeta e politico figlio della borghesia fiorentina, coinvolto nelle grandi questioni del suo tempo?

Alla fine, forse non importa se la bilancia pende verso un lato o verso l'altro. E inoltre, la vita va avanti indipenden-

temente dalle nostre opinioni. Finché questo manoscritto non apparirà, non ci resta che sognarlo e contemplare i misteri che circondano quest'opera così fondamentale per noi, esseri pensanti, capolavoro che ci illumina come la Luna riflette il Sole, giorno dopo giorno, secolo dopo secolo.

E, ogni tanto, chissà, fare una cronaca.

All'inferno, aquele abraço

Di Deisiane Barbosa

Dicono che fa davvero male, letteralmente. Apre una lacerazione acuta, dopodiché scoprire la ferita e bagnarla con la salamoia è il minimo. Che non mi occupassi del calendario e dimenticassi il vizio di controllare gli orologi, specialmente sullo schermo silenzioso del cellulare. Che, tra l'altro, lo dimenticassi apposta, nella stanza più deserta della casa. Non sanno che se avessi la formula magica del dimenticare apposta, sarei già in paradiso anni luce fa.

Voce numero uno: l'inferno può essere un mare ghiacciato dove sgorgano le lacrime per il dolore di restare, per esempio, desertificati; o anche per il dolore di partire, senza bussole, mappe, con i soli vestiti di dosso. Voce numero due: nell'inferno la testa pulsa, sessanta secondi al minuto, ogni sorta di bel ricordo brucia irradiandosi dalla bocca dello stomaco. Voce numero tre: in uno stato infernale, sentiamo di sprofondare e basta; ci disperiamo più volte al giorno; perdiamo il sonno, dormiamo male e appena ci svegliamo, al primo secondo di coscienza, ci accorgiamo che l'inferno è sempre lì, irremovibile.

Hanno detto che fa male e non hanno mentito. Essere abbandonata, con il corpo pieno di affetti obsoleti, in una casa di agosto recente, piena di echi di fantasmi: tutto ciò crea, sì, una ferita grande, infiammabile. Non ci sono scappatoie, non ci sono raggiri. È inutile cercare, ad esempio, di uscire sul balcone la mattina presto, con il sole gelido e, nel frattempo, lasciare il dolore sull'appendiabiti a riposarsi un po'. Per fortuna sono sempre stata una molto credente, fin da bambina – fede ardente, miracoli, cose del genere, i miei occhi brillavano quando sentivo nonna dire che era proprio vero: che il tempo è guaritore.

Voce numero quattro: non è buona educazione rifiutare quando il dolore ci invita a ballare nell'inferno il suo ritmo marcato, ben schiacciato (vedi: verbo "schiacciare" – qualcosa che il dolore ama). Voce numero cinque: niente salta-nove-case-in-una-volta e arriva presto in paradiso; nell'inferno si



possono anche inventare mille strategie, ma alla fine ce n'è una sola: attraversarlo. E vai piano, anche se hai paura, figlia mia, mi direbbe la nonna. Se diventa insopportabile, puoi anche chiedere due "ferma!", per un pianto forte e dolente. Inoltre, se ti consola, guarda il nastrino del Bonfim che si sfilaccia sul tuo braccio, il tempo è un rimedio santo. Voce numero sei: altri luoghi comuni sull'argomento: a) tutto passa; b) l'inferno ha un limite; c) stai calma; d) la vita è così, dopotutto.

Voce numero sette: l'inferno va abbracciato con il più grande coraggio; bisogna affrontare il bagliore laminato del dolore e chiedere rispettosamente: cos'è che Lei cerca così generosamente di insegnarmi? Però, è bene saperlo, il dolore dell'inferno è brutale, attenzione!, ci afferra e ci getta in fondo al mare ghiacciato (vedi voce numero uno). Ma non ti preoccupare, non ci uccide. A volte crediamo persino di affogare nel pianto, ma ci hanno anche insegnato: inspira in tre, trattieni in sei, libera in nove

secondi l'aria dai polmoni. Fallo ancora e più volte, raddoppiando il tempo finché non ti dimentichi dell'agonia.

Finalmente, stanotte ho sognato delle luminosità: sarebbe una cosa celeste? Di una bellezza super. Addomesticavo i deserti, c'era gente a casa, sorridevo pure, ballavo al ritmo che volevo. Quando me ne sono accorta, ho cercato nel soggiorno, sono corsa in camera da letto, in cucina, ho aperto l'armadio, i cassetti, ho controllato la libreria, ho guardato sul balcone, dove è? Il dolore era scappato. In-cre-di-bi-le! Sono tornata correndo, ho aumentato il volume della musica, ho ballato il tip tap ancora e ancora, nessuno ha capito niente, ma "quem sabe de mim sou eu / aquele abraço", la radio continuava a palla. Finché non mi sono addormentata di nuovo e poi mi sono risvegliata. Voce numero otto: la soglia dell'inferno è subdola, appare quasi a sorpresa; varcare finalmente la sua frontiera fa emergere ogni leggerezza; lenisce tutto, dentro e fuori.



Internacionalização:

Expandir as possibilidades de **interação** e os limites do **conhecimento**.



Elementary
(5o ano do Ensino Fundamental)

Mizzou Global Scholars (MiddleSchool)
(6o ao 8o ano do Ensino Fundamental)

Dual Diploma Program (HighSchool)
(9o ano à 3a série do Ensino Médio)

O Colégio Dante Alighieri mantém um convênio com a University of Missouri, uma das mais proeminentes instituições de pesquisa dos EUA, para os programas Elementary, Middle e High School.

Saiba mais sobre o Middle e High
<https://dante.pro/middlehigh>



Assista ao vídeo sobre o Elementary
<https://dante.pro/elementary>



Queridos ex-alunos:

atualizem seu cadastro!

Sabem por quê?

Seguindo normas da **LGPD**, todo o nosso mailing será **desativado**.

Portanto, para seguir em nossos contatos e continuar recebendo notícias, **convites e demais informações**, **atualizem seu cadastro!**

Onde realizar meu recadastro?

dante.pro/recadastre

Recadastrem-se também na AEDA

www.aeda.com.br/associe-se

O seu recadastro no site do Colégio Dante Alighieri não dispensa o recadastro no site da AEDA, pois as bases de dados não são as mesmas.



Saiba mais sobre a LGPD:

Lei Geral de Proteção de Dados

www.lgpdbrasil.com.br